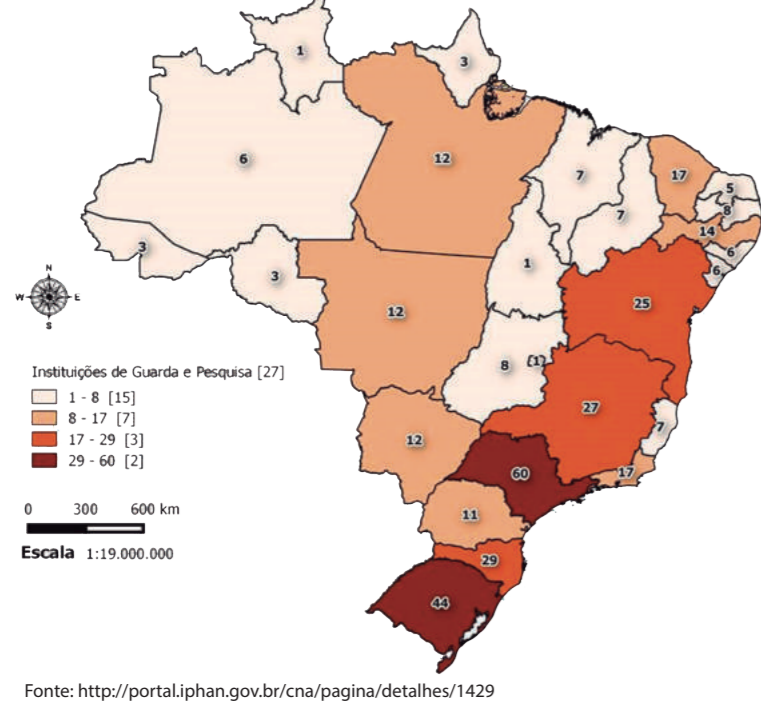




## CONTEXTO DA ARQUEOLOGIA NO BRASIL

De acordo com o Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA, 2019) existem 27582 sítios arqueológicos registrados no Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional (IPHAN). Ao longo das últimas duas décadas o número de explorações dos sítios arqueológicos aumentou significativamente, passando de cinco atividades ao longo de um ano para quase mil, no mesmo período. Contudo, mesmo que os números de explorações tenham aumentado em relação aos registros de anos atrás, ainda são pouco relevantes diante do potencial que o Brasil apresenta. Para realizar uma exploração arqueológica é necessário que alguma instituição já cadastrada no IPHAN se responsabilize por qualquer artefato que seja encontrado, isso limita até certo ponto o trabalho de exploração, pois muitas dessas instituições não tem recursos para manter grandes reservas técnicas que acomodem de forma adequada os artefatos, além de existir grande disparidade em relação à quantidade de Instituições de Guarda e Pesquisa distribuídas pelo país, como é possível identificar na Figura 1.

Figura 1. Distribuição das Instituições de Guarda e Pesquisa no Brasil.



Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/cna/pagina/detalhes/1429>

## INTRODUÇÃO

Dos mais de 25000 sítios arqueológicos registrados no Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), pouquíssimos deles são explorados, sendo que a maioria dos artefatos encontrados ficam isolados em reservas técnicas (PEREIRA, 2017). As explorações e instituições responsáveis por esses bens da União estão concentradas em determinados pontos do país, principalmente nas regiões Sul e Sudeste, especialmente nos litorais. Essa concentração, associada à falta de recursos financeiros e humanos, além das dificuldades em promover atividades de extroversão eficientes, fazem com que o conhecimento vindo das pesquisas arqueológicas não chegue à maioria dos habitantes brasileiros.

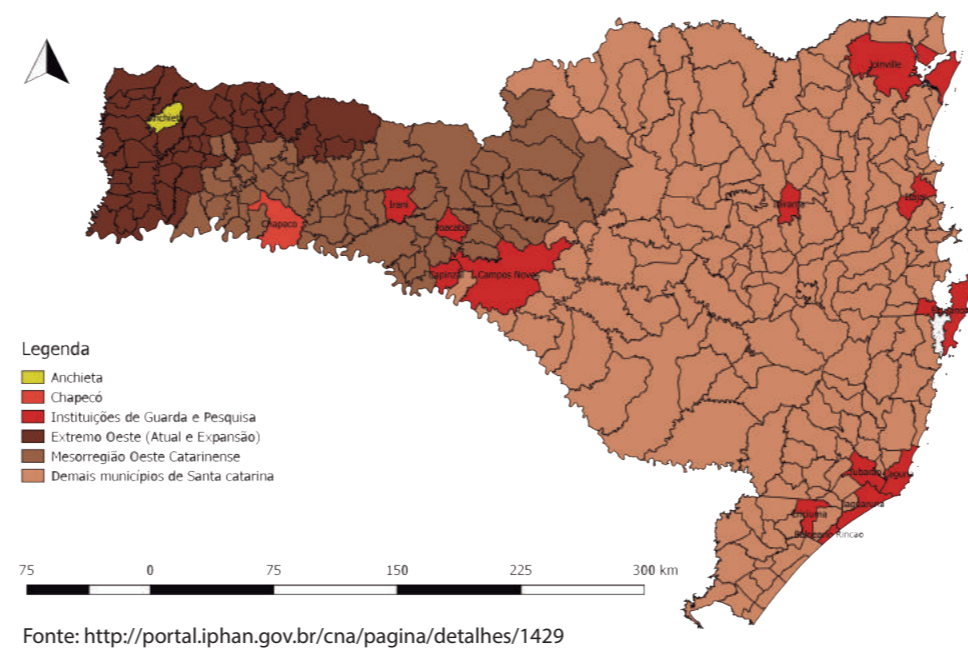
Além de não serem explorados como poderiam, muitos sítios arqueológicos sofrem o risco de serem perdidos juntamente com seus artefatos, como é o caso dos sítios presentes no extremo oeste catarinense e noroeste gaúcho, onde há mais de 30 anos existe uma luta da população contra a instalação de uma Usina Hidrelétrica na cidade de Itapiranga. Além de todos os danos ambientais e sociais desta instalação, os sítios arqueológicos da região (por terem cadastro precário) poderiam ser em parte perdidos e na melhor das hipóteses terem sua importância informacional altamente prejudicada.

Existem muitos desafios para que existam políticas de gestão que promovam o enriquecimento cultural da população através da arqueologia, desde processos de cadastramento de sítios arqueológicos até a criação e ampliação de Instituições de Guarda e Pesquisa e de suas instalações, além da discussão sobre como a socialização desses bens pode acontecer de forma efetiva. O presente trabalho busca contribuir com essas discussões lançando um olhar sobre a questão da arqueologia no Brasil e uma proposta arquitetônica que transmita os resultados das reflexões sobre o assunto.

## A DUALIDADE DA ARQUEOLOGIA EM SANTA CATARINA

O estado de Santa Catarina serve como um bom exemplo do que acontece no Brasil, ou seja, mesmo que os sítios arqueológicos estejam distribuídos em grande parte do território, as instituições e trabalhos se concentram em determinada região, e com elas, os investimentos e o desenvolvimento cultural/educacional relacionado ao tema. Como é possível ver na Figura 2, a maioria das instituições estão localizadas no litoral, onde também está o maior número de trabalhos produzidos. Na mesorregião oeste catarinense estão registradas quatro Instituições de Guarda e Pesquisa, sendo que apenas uma delas está no extremo oeste, no município de Anchieta. Na cidade de Chapecó está o Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM), referência regional em arqueologia no oeste do estado. Com base nessas informações, a proposta de implantação de um Centro de Pesquisa Arqueológica busca valorizar o patrimônio arqueológico através do olhar para as regiões que hoje não são o foco das discussões e explorações, proporcionando que grupos sociais que não têm recebido essas informações possam se beneficiar culturalmente. Essa proposta de descentralização da pesquisa arqueológica leva para regiões fora dos grandes centros e distantes do litoral, como é o caso da região do extremo-oeste catarinense.

Figura 2. Distribuição das Instituições de Guarda e Pesquisa em Santa Catarina.



Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/cna/pagina/detalhes/1429>

## METODOLOGIA

Durante o desenvolvimento do presente trabalho, foi realizada a revisão das discussões presentes na Introdução ao Trabalho Final de Graduação apresentada no semestre 2019/1, onde constavam análises sobre o contexto da arqueologia em diferentes escalas, referencial bibliográfico referente ao patrimônio arqueológico e ao funcionamento das instituições de guarda e pesquisa, além de questões acerca do contexto regional no qual se insere a proposta. Para o lançamento e desenvolvimento do projeto arquitetônico foram utilizados como bases, portarias do IPHAN, documentos e declarações obtidos com as equipes do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, do Centro de Memória do Oeste Catarinense (CEOM) e do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joiville (MASJ), além da revisão do Plano Diretor e do Código de Edificações do município de Mondaiá-SC e das análises já realizadas anteriormente sobre o sítio.

## OBJETIVOS

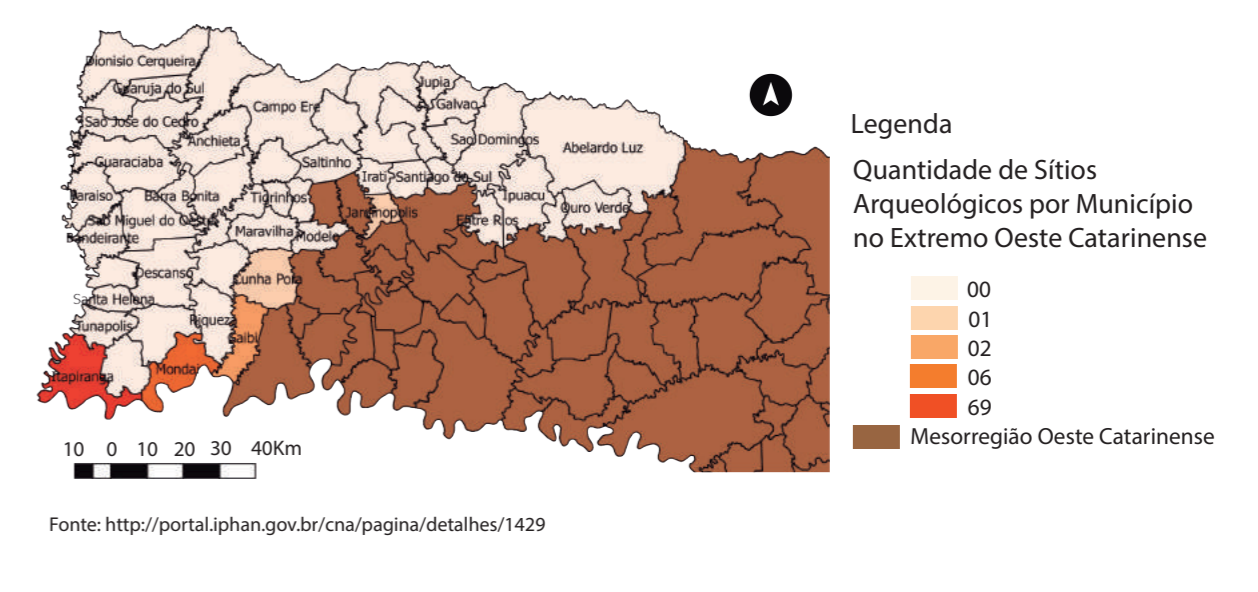
O processo de desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo revisar a pesquisa realizada na Introdução ao Trabalho Final de Graduação, obter referências do funcionamento e da realidade das Instituições de Guarda e Pesquisa e posteriormente propor uma edificação que contemple os espaços necessários para o desenvolvimento das atividades de um centro de pesquisa arqueológica, desde a exploração dos sítios arqueológicos até as atividades de extroversão junto da comunidade. Também se espera projetar ambientes adequados e agradáveis, numa tentativa de aproximar a comunidade local da história da região e ao mesmo tempo proporcionar novas experiências educacionais, culturais e de interação.

## O POTENCIAL ARQUEOLÓGICO NO OESTE CATARINENSE

A única instituição de guarda e pesquisa cadastrada no IPHAN que se encontra na Região Metropolitana do Extremo Oeste, localiza-se no município de Anchieta, situação controversa em relação à realidade dos sítios arqueológicos, já que o município não possui nenhum sítio registrado no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA). Esse cenário se repete na maioria dos municípios da região. Das 49 cidades que compõem o extremo oeste, apenas 5 possuíam sítios arqueológicos registrados no CNSA até o início do ano de 2019, são elas: Itapiranga, Mondaiá, Caibi, Cunha Porã e Jardinópolis.

Ao realizar a verificação das fichas individuais de cadastro dos sítios arqueológicos de Itapiranga e Mondaiá, constatou-se que a maioria deles foram encontrados a partir de duas situações: o trabalho agrícola e a observação. No período da ocupação colonial da região, foi necessário arar a terra para iniciar o plantio, dessa forma muitas urnas funerárias foram quebradas ao contato com o arado, o que permitiu a identificação de muitos sítios. Além disso, as áreas correspondentes aos sítios arqueológicos foram identificadas visualmente através de manchas pretas no solo, provenientes do acúmulo de matéria orgânica das ocupações pré-coloniais.

Figura 3. Sítios arqueológicos por município no extremo oeste catarinense.



Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/cna/pagina/detalhes/1429>

## SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS: (ONDE COMO) ESTÃO?

De acordo com o Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA, 2019), nas cidades de Itapiranga e Mondaiá existem respectivamente 69 e 6 sítios arqueológicos registrados. Cada um deles possui ficha individual com as informações já coletadas sobre as explorações realizadas e as características do local onde se encontram. As informações coletadas até o registro foram responsáveis pela categorização que cada um recebeu. Em sua grande maioria, as fichas de cadastro foram preenchidas na década de 1990 e assim como são recentes, também são incompletas. Costumam faltar informações sobre a localização precisa dos sítios.

Embora a maioria dos sítios não tenha localização exata nas fichas, pode-se prever que estão muito próximos ou às margens do Rio Uruguai e de seus afluentes. Pelas características naturais da região e consequentemente pelas formas de subsistência de seus habitantes no período pré-colonial, e também pelos fluxos migratórios que aconteciam às margens do Rio Uruguai, entende-se que hoje a principal rota de ligação entre os sítios arqueológicos de Itapiranga e Mondaiá é a SC-283.

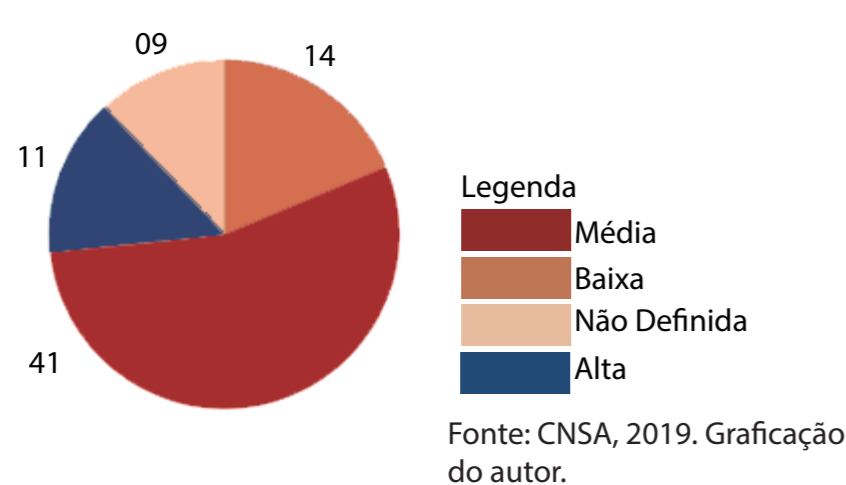
Quase em sua totalidade, 71 de 75, os sítios arqueológicos estão localizados em propriedades privadas (CNSA, 2019), o que significa que na época de registro eram terras ocupadas por colonos que utilizavam o solo principalmente para pastagem, plantio de grãos e alimentos para subsistência. Como já apresentado, muitos sítios foram descobertos através da agricultura. No processo de preparar a terra para o plantio, muitas urnas foram quebradas pelos arados. Além disso, houve perdas de artefatos arqueológicos por falta de conhecimento da população e pela crença em lendas locais.

Apesar de muitos artefatos terem sido encontrados nos sítios da região, grande parte do potencial arqueológico ainda não foi explorado. A grande maioria dos sítios arqueológicos são em profundidade (Figura 5), o que significa que a sobreposição de camadas com registros de ocupações pode atingir até sete metros abaixo da superfície. Mesmo com essa identificação, poucos sítios foram efetivamente explorados. O que faz com que exista ampla possibilidade de exploração e pesquisa arqueológica nas duas cidades.

A pesquisa arqueológica no extremo oeste catarinense pode contribuir para a compreensão das ocupações de todo o estado, visto que a chegada dos povos pré-coloniais no que hoje é Santa Catarina aconteceu pela travessia do Rio Peperiguauçu. Desta forma, as informações obtidas através das pesquisas nesta região, poderiam auxiliar, por exemplo, no estudo arqueológico do litoral do estado, região que hoje concentra a maioria das pesquisas na área mesmo registrando ocupação pré-colonial mais recente. A camada superficial dos sítios arqueológicos foi a mais explorada, da qual mais se tem registros e a que mais sofreu vandalismo.

Quanto às camadas mais profundas, as principais culturas agrícolas atuais (milho e soja) não apresentam riscos a sua integridade, contudo o projeto de implantação da Usina Hidrelétrica de Itapiranga (se efetivado) pode causar além de incontáveis perdas arqueológicas, imensos prejuízos socioambientais na região.

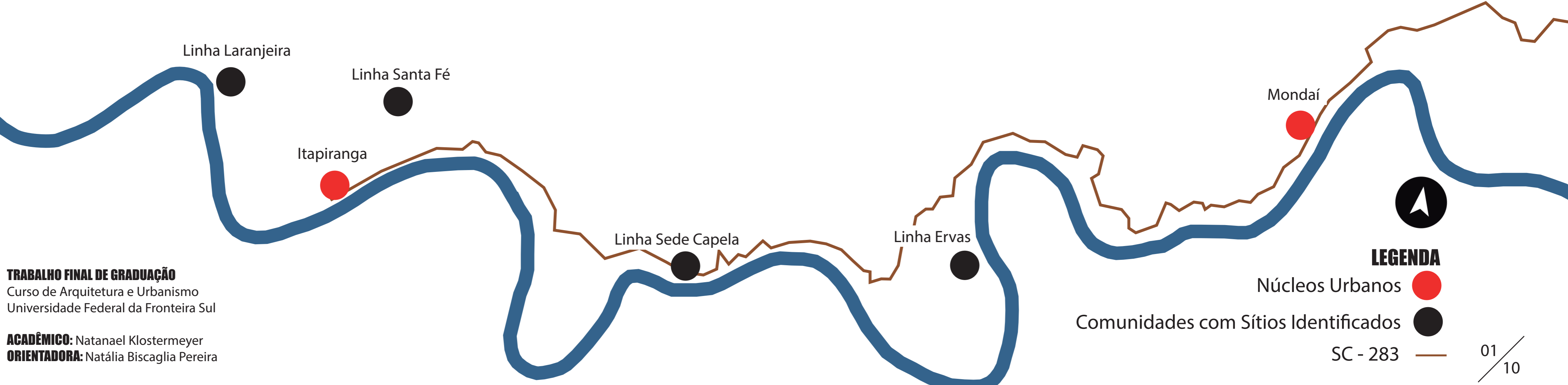
Figura 4. RELEVÂNCIA DOS SÍTIOS REGISTRADOS



Fonte: CNSA, 2019. Graficação do autor.

## MAPEAMENTO DOS SÍTIOS:

Fonte: DMITRUK, 2006. Adaptação do Autor.



TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO  
Curso de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade Federal da Fronteira Sul

ACADÊMICO: Natanael Klostermeyer  
ORIENTADORA: Natália Biscaglia Pereira

LEGENDA

Núcleos Urbanos ●  
Comunidades com Sítios Identificados ●

SC - 283

01 / 10

## USINA HIDRELÉTRICA DE ITAPIRANGA - CONTEXTUALIZAÇÃO

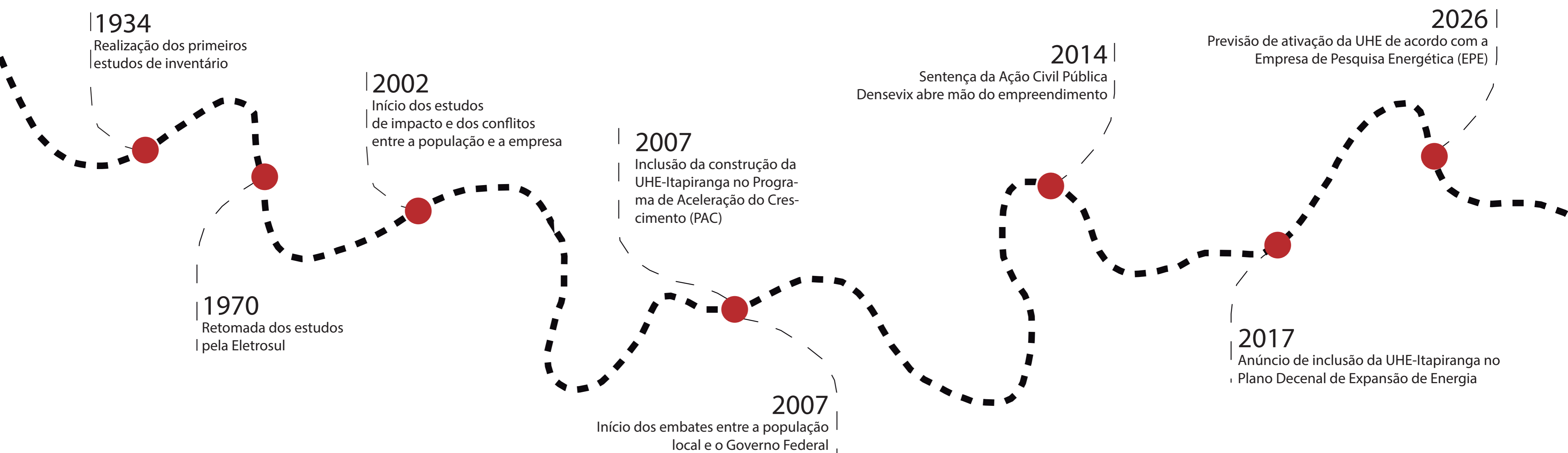
O Rio Uruguai apresenta grande potencial para geração de energia através da construção de usinas hidrelétricas (UHE's) e por isso é considerado estratégico a nível nacional. Até hoje foram implantadas três usinas neste rio: a Usina Hidrelétrica de Itá, a de Machadinho e a de Foz do Chapecó, mas existem mais empreendimentos deste tipo planejados.

É o caso da Usina Hidrelétrica de Itaipiranga, cujo projeto prevê a construção da barragem entre os municípios de Itaipiranga (SC) e Pinheirinho do Vale (RS). O início do processo envolvendo a construção da UHE-Itaipiranga se deu em 1934, porém se tratava apenas de um estudo de inventário.

Esse estudo foi retomado pela Eletrosul na década de 1970, e a partir daí a possibilidade da construção de uma usina hidrelétrica na região se tornou real. No ano de 2002 os estudos de impacto foram refeitos e cinco anos depois a construção da UHE-Itaipiranga foi proposta no Programa Nacional de Aceleração do Crescimento (PAC).

O estudo de viabilidade para a construção da UHE-Itaipiranga ficou a cargo da empresa Densivex Energias Renováveis. Esse processo foi marcado pelo embate entre o Governo Federal, através da empresa responsável pelos estudos, e a população local que se manifestou contrária à construção da barragem. Esse processo se estendeu por vários anos marcados por protestos e ações públicas, até que em 2017 a empresa abriu mão de realizar os estudos. Ainda assim, a Usina Hidrelétrica de Itaipiranga continua nos planos da EPE (Empresa de Pesquisa Energética), com data de ativação prevista para 2026

## LINHA DO TEMPO MARCOS NO PROCESSO DA UHE-ITAPIRANGA



## A LUTA DOS ATINGIDOS

O processo que envolve a construção da UHE-Itaipiranga já dura mais de trinta anos, e tão longa quanto o plano de construção é a luta da população local contra o empreendimento.

Durante esse período, igrejas, sindicatos e universidades deram apoio à população, auxiliando na organização da mesma. Os residentes das cidades que seriam atingidas pela UHE-Itaipiranga se reuniam em igrejas nas comunidades para realizar reuniões e organizar a luta contra a construção da barragem.

Várias manifestações foram realizadas por parte da população. Engenheiros da Eletrosul, empresa responsável pelos estudos, foram expulsos da região, paralisando o processo por algum tempo, porém a construção da usina continuou presente nos planos governamentais.

Os principais agentes da luta contra a usina foram as famílias que seriam atingidas e teriam que deixar suas terras. Somados a elas, estavam movimentos sociais como o Movimento dos Atingidos pelas Barragens, a Via Campesina, a Pastoral da Juventude e a Federação de Estudantes de Agronomia, além de igrejas, das prefeituras dos municípios e de universidades da região.

Após várias reuniões e manifestações contrárias à construção da UHE-Itaipiranga, foi divulgado um manifesto conjunto assinado por movimentos sociais, pastorais, sindicatos, prefeituras e instituições educacionais, onde foram apresentados os principais motivos e bases da luta contra usina, com destaque para o trecho à direita.

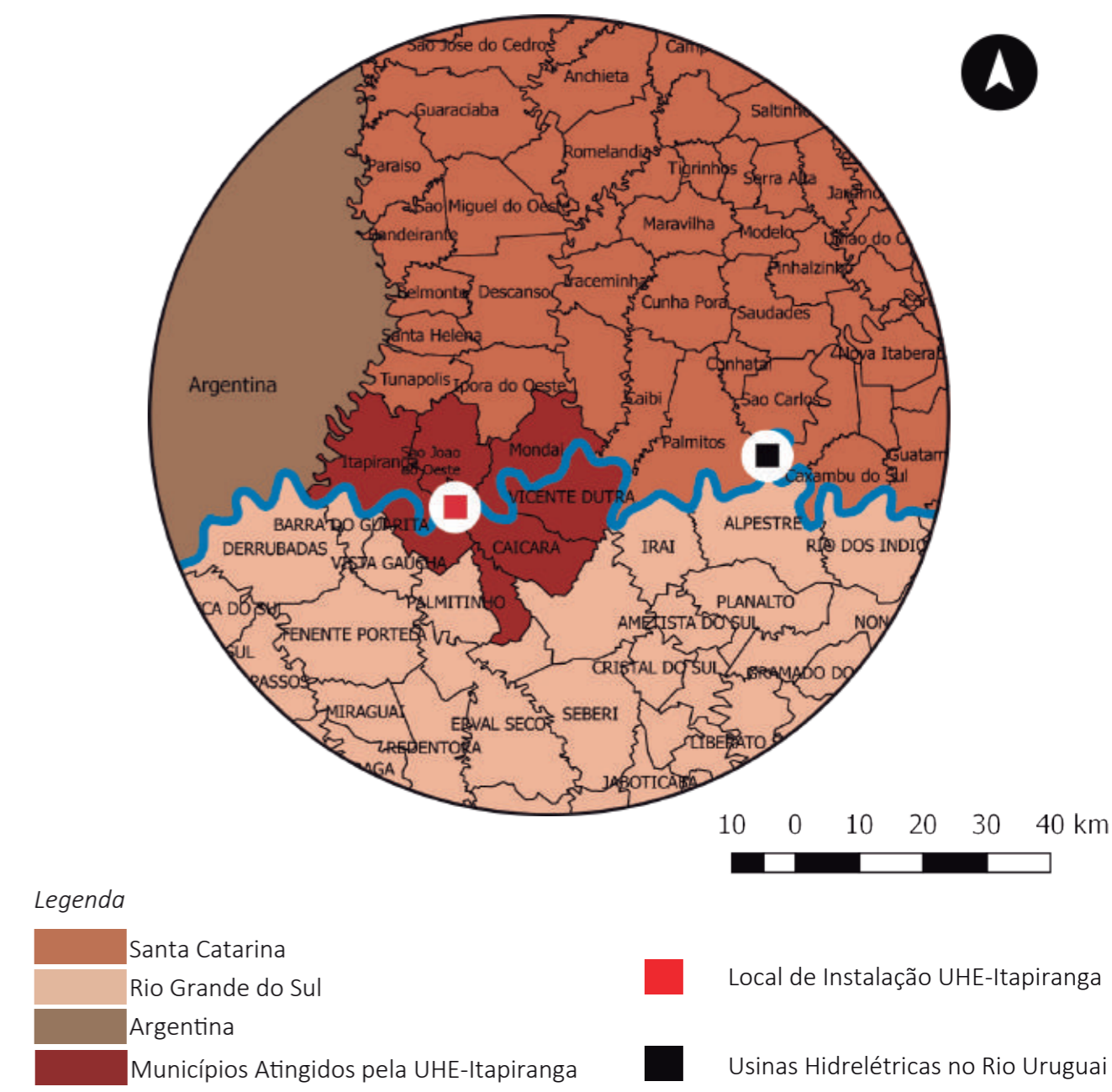
## ATINGIDOS PELO EMPREENDIMENTO RS/SC

O primeiro projeto, realizado na década de 1980, previa que a barragem entre os municípios de Itaipiranga e Pinheirinho do Vale tivesse altura de 55 metros, com reservatório de 167 km<sup>2</sup> e área alagada total de 102,9 km<sup>2</sup>. Após vários atritos com a população dos municípios, que também tiveram apoio de instituições e dos governantes municipais, o novo projeto apresentado pela Densivex trouxe uma proposta com menos impactos, tendo reduzido a altura da barragem em 19 metros, diminuído o reservatório para uma área de 60,8 km<sup>2</sup> e a área alagada para 28,4 km<sup>2</sup>, ainda assim, a população manteve seu posicionamento contrário à construção da UHE.

Segundo Pedro Melchior, coordenador do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), os estudos realizados pelo movimento apontam que entre 1500 e 2000 famílias serão atingidas pela Usina Hidrelétrica de Itaipiranga.

Tendo essa estimativa é possível entender que muitas pessoas estão envolvidas nesse processo, e que não se trata apenas de governantes municipais e do corpo técnico de uma empresa que realiza estudos de viabilidade. Sendo assim, podemos analisar o processo do ponto de vista dos principais atingidos pela construção da UHE-Itaipiranga: as famílias que terão suas terras inundadas.

## Figura 7. MUNICÍPIOS ATINGIDOS PELA UHE-ITAPIRANGA



## MANIFESTO DE ITAPIRANGA

“Em defesa da natureza, do povo, pelo desenvolvimento sem barragem”

*Nós moradores e entidades da região ameaçada pela UHE Itaipiranga, do campo e da cidade, [...] manifestamos nossa posição contrária à construção da barragem de Itaipiranga e exigimos o cancelamento definitivo do empreendimento.*

*Essa decisão é continuidade da luta histórica de resistência dos moradores em toda a bacia do Rio Uruguai. [...] Não somos contra a produção de energia e o desenvolvimento, mas contra a concentração das riquezas e do domínio das águas por parte de empresas transnacionais e estrangeiras e o enriquecimento de poucos em detrimento de maiorias. [...]*

*Manifestamos nosso propósito em lutar e nos organizar na busca de projetos para gerar o desenvolvimento da região sem barragem, principalmente alternativas de energia, construção de casas, asfaltamento da estrada Beira Rio ligando Itaipiranga à Mondai; Construção da ponte sobre o Rio Uruguai ligando Itaipiranga (SC) a Barra do Guarita (RS); créditos subsidiados; redes de água para fornecimento de água potável para os agricultores; investimento em turismo; atividades que gerem renda sem causar impactos sociais, culturais, econômicos e ambientais.*

ECODEBATE, 2009.

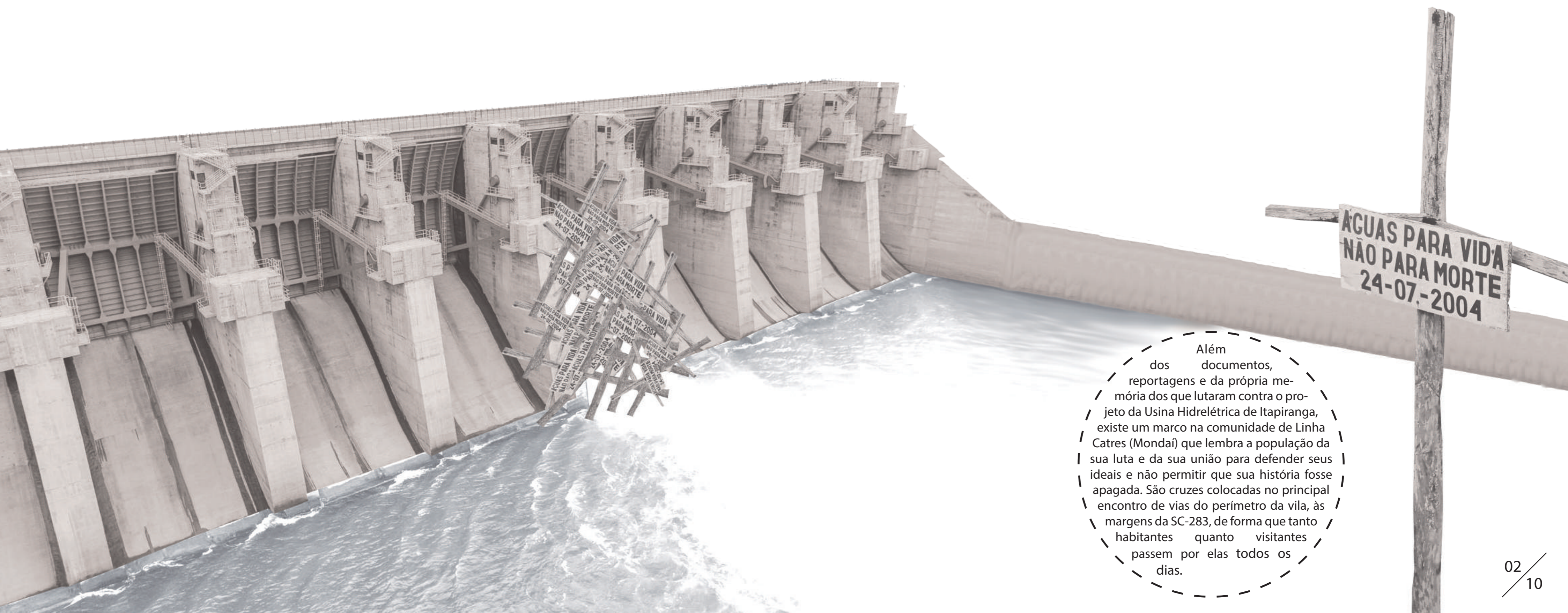
## LUTA POPULAR COMO DEMANDA

O contexto da UHE-Itaipiranga e seu impacto na região são de extrema importância para definições do projeto arquitetônico, pois o programa de necessidades depende do cenário que for considerado (construção ou não da mesma). Determinando assim, qual será o foco das atividades e os espaços necessários para elas. Além do programa de necessidades, a implantação também é afetada pelo contexto.

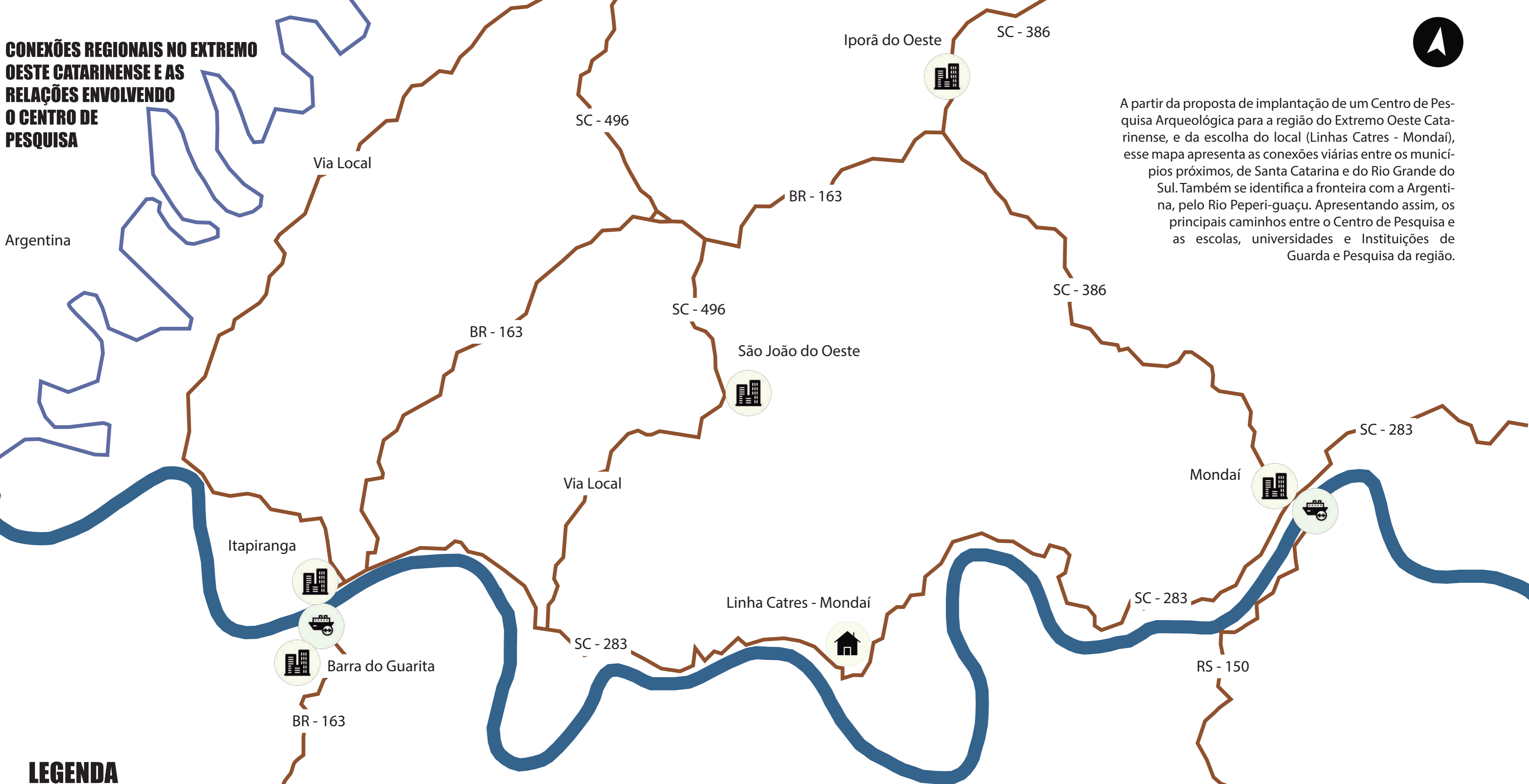
Considerando a construção da usina, é imprescindível que o equipamento arquitetônico seja implantado em um local fora da área inundada, descontextualizando os artefatos arqueológicos e diminuindo seu potencial informativo. Já se considerado que ela não será executada, o local de implantação pode ser adequado conforme a localização dos sítios.

Entendendo que os dois cenários tem possibilidade de se concretizar, o olhar foi lançado sobre os principais envolvidos no que tange desde os sítios arqueológicos até a proposta da UHE-Itaipiranga: os habitantes da região, em especial as famílias que residem às margens do Rio Uruguai. Sendo assim, será considerada a **NÃO CONSTRUÇÃO** da UHE-Itaipiranga como forma de atender a demanda da população regional, que se expressa em anos de luta e resistência.

Como muitos sítios arqueológicos não possuem localização exata, mas estão próximos do Rio Uruguai, a escolha do local para implantação do centro de pesquisa se dá na comunidade de Linha Catres - Mondai, que está às margens da SC-283 e próxima de sítios já registrados. Além de critérios logísticos, também foi considerado o local como simbólico, já que a comunidade esteve fortemente presente na luta contra a UHE-Itaipiranga.

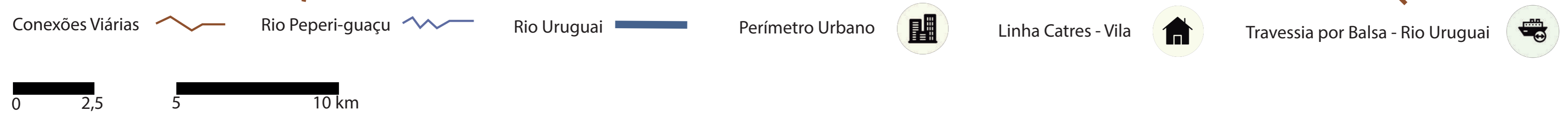


## CONEXÕES REGIONAIS NO EXTREMO OESTE CATARINENSE E AS RELAÇÕES ENVOLVENDO O CENTRO DE PESQUISA



A partir da proposta de implantação de um Centro de Pesquisa Arqueológica para a região do Extremo Oeste Catarinense, e da escolha do local (Linhas Catres - Mondaí), esse mapa apresenta as conexões viárias entre os municípios próximos, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Também se identifica a fronteira com a Argentina, pelo Rio Peperi-guaçu. Apresentando assim, os principais caminhos entre o Centro de Pesquisa e as escolas, universidades e Instituições de Guarda e Pesquisa da região.

### LEGENDA



A principal via de locomoção a partir de Linha Catres é a SC-283, que conecta a comunidade com as cidades de Itapiranga, Mondaí e São João do Oeste em "primeira instância". Seguindo a Leste por essa estrada, popularmente conhecida como Beira Rio, se encontra o município de Chapecó, que funciona como "Capital" do oeste catarinense. Neste município está a sede do Centro de Memória do Oeste Catarinense (CEOM), órgão de referência em pesquisa histórica na região e que poderia ter forte ligação com o Centro de Pesquisa Arqueológica, proposto nesse trabalho.

A ligação de Mondaí com Linha Catres acontece pela SC-283 e sua relação com os habitantes da vila se dá principalmente pela prestação de serviços que não são encontrados na vila e também por questões administrativas, já que a vila é considerada como Macrozona de Expansão Urbana Mista, no plano diretor do município. Além disso, os produtores da vila têm contato com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mondaí, com sede na área urbana do município e os pescadores participam de reuniões na área urbana.

Da mesma maneira a ligação entre Itapiranga e Linha Catres se dá pela SC-283 e sua relação com os habitantes da vila ocorre principalmente pela facilidade que existe na cidade, pelos serviços que não são encontrados na vila, como grandes mercados, hospitais e clínicas odontológicas e por familiares dos habitantes da vila residirem naquele município, o que faz com que exista um fluxo intenso entre a vila mondaíense e a cidade vizinha, mesmo sem relações administrativas entre elas.

## LINHA CATRES ORGANIZAÇÃO DA COMUNIDADE A PARTIR DA VILA

A noção de comunidade como um grupo de indivíduos que compartilham de algo comum, é muito forte na localidade de Linha Catres. O entendimento de comunidade se formou e tem se firmado através de alguns elementos presentes até hoje na vila e em seus habitantes.

A comunidade, constituída por cerca de 85 famílias, tem como principal elemento de união, a cultura alemã. A grande maioria da comunidade fala o idioma alemão, grupos de canto coral ensaiam músicas alemãs e o grupo de danças é responsável pelas apresentações com trajes típicos. São realizados eventos na própria vila, com a presença desses grupos e de grupos convidados.

A Escola Estadual de Educação Básica Pe. Vendelino Junges é responsável pelo primeiro contato formal entre as crianças da comunidade, que em muitos casos já se conhecem antes mesmo de frequentá-la, devido a proximidade das famílias. Os outros dois principais pontos de encontro da comunidade são a Igreja Católica e o Centro Comunitário.

Como Linha Catres possui um número significativo de habitantes e grande distanciamento de núcleos urbanos, surge um aglomerado de residências e espaços de prestação de serviços para suprir as demandas corriqueiras da população. Esse aglomerado configura a ocupação da vila, onde a maioria dos lotes com ocupação residencial estão ao longo da SC-283, juntamente com comércios e locais de prestação de serviços. A medida em que as propriedades se distanciam desse núcleo ou da estrada, o uso predominante é a agricultura familiar com criação de animais e plantio de grãos.

Figura 8. EQUIPAMENTOS E COMUNIDADE

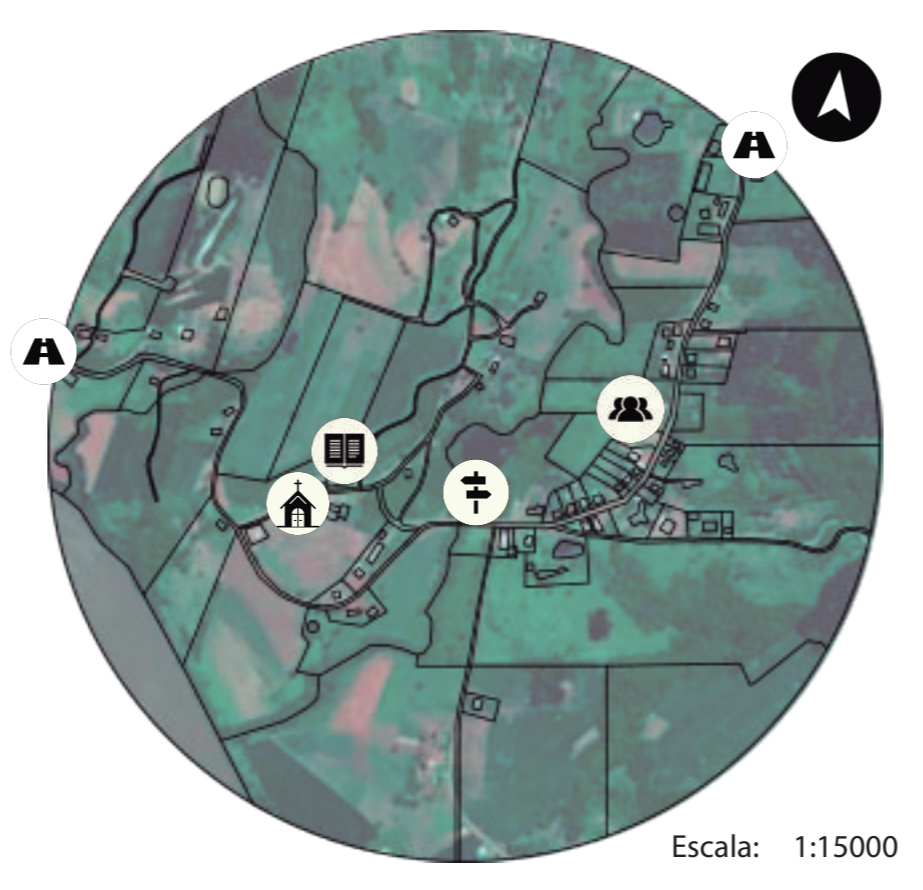
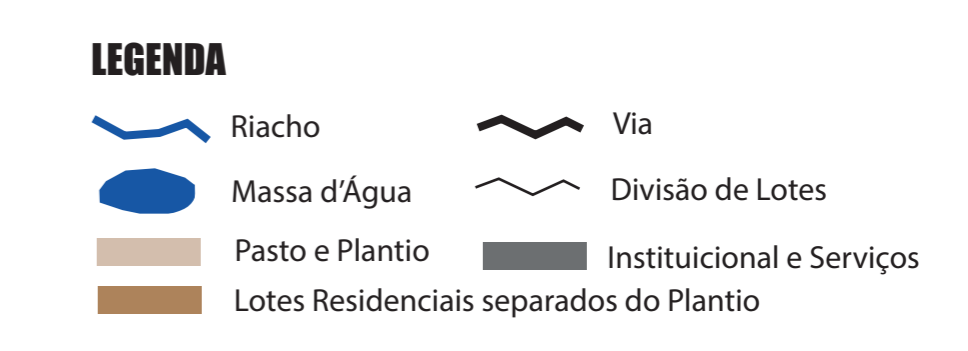
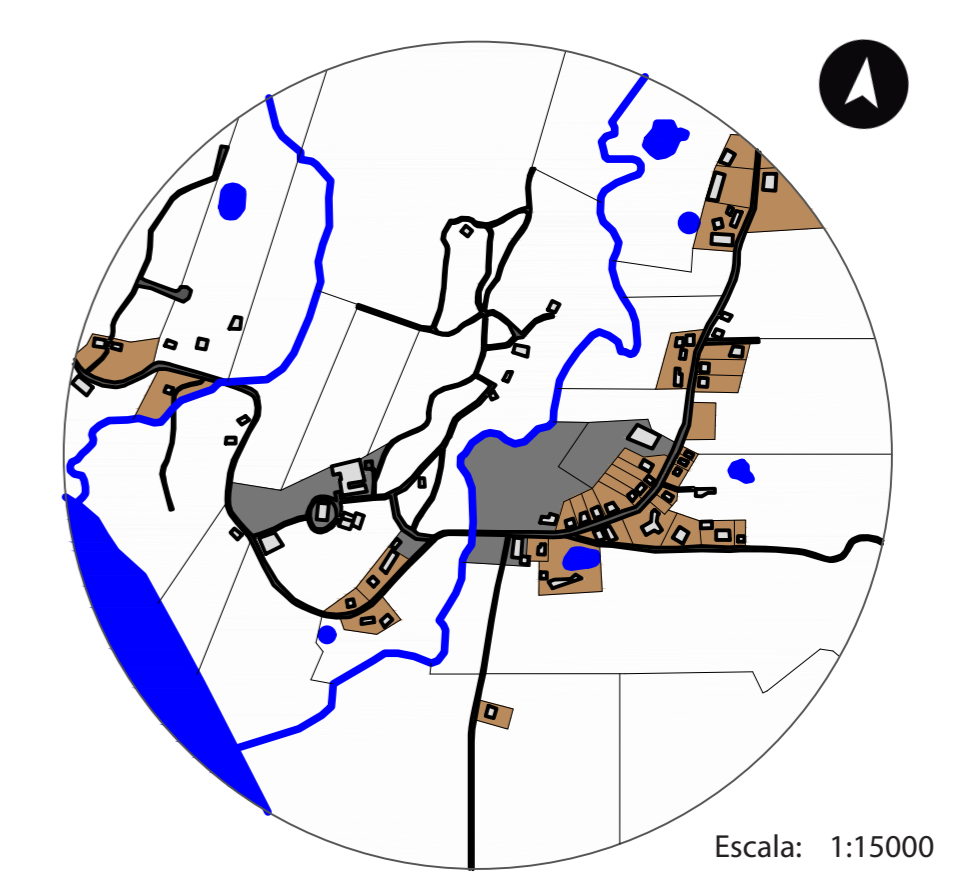


Figura 9. USO E OCUPAÇÃO DO SOLO - VILA



## ESCOLHA DO TERRENO

Tendo compreensão da organização da vila, e levando em conta questões funcionais e de logística do Centro de Pesquisa Arqueológica, foram estipulados alguns critérios para a escolha do terreno de implantação do objeto arquitetônico.

O primeiro aspecto considerado foi o **FLUXO DIÁRIO DA COMUNIDADE**, pois através do contato visual os habitantes podem compreender o edifício como parte da paisagem e utilizá-lo como ponto de referência.

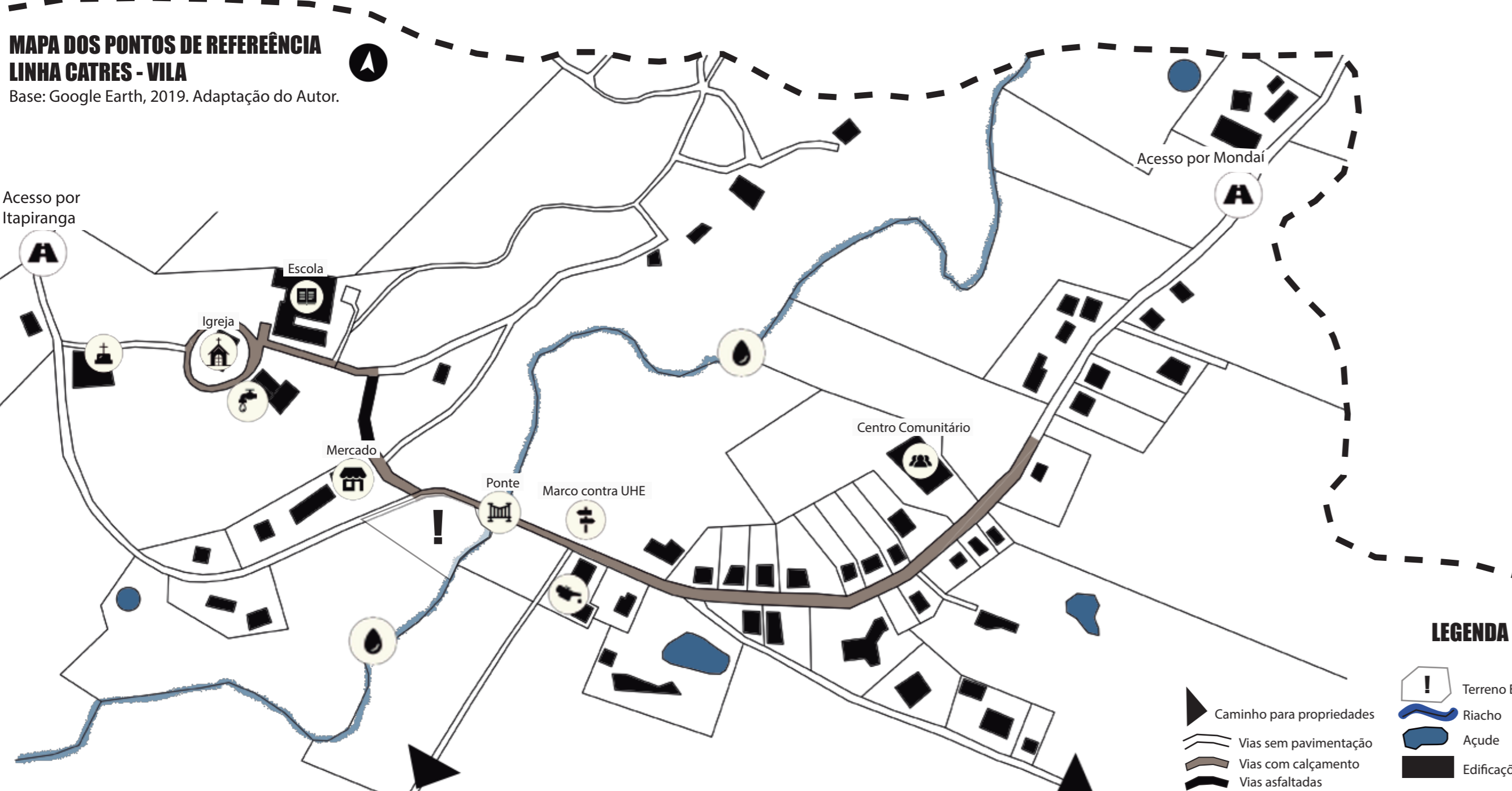
Quanto à logística do Centro de Pesquisa Arqueológica, entende-se que a principal ligação entre os sítios arqueológicos é a **SC-283**. Sendo assim é importante que o edifício tenha **PROXIMIDADE** com ela.

Como está sendo considerado que a comunidade deve se identificar com o Centro de Pesquisa e deve identificá-lo como **PARTI DO CONTEXTO LOCAL**, é interessante que a proposta gere o **MINOR DANO** possível por **DESAPROPRIAÇÃO** de lote a algum habitante local.

A **PROXIMIDADE COM A ESCOLA** também foi fator determinante para escolha do terreno. Como são planejadas **ATIVIDADES CONJUNTAS** entre ela e o Centro de Pesquisa, para facilitar o deslocamento de turmas (principalmente de educação infantil) é importante que os equipamentos não estejam muito distantes.

## MAPA DOS PONTOS DE REFERÊNCIA LINHA CATRES - VILA

Base: Google Earth, 2019. Adaptação do Autor.



## O QUE É O EQUIPAMENTO? PARA QUE(M) ELE SERVE?

Compreendendo o contexto regional, o potencial arqueológico não explorado e riscos de perda dos sítios arqueológicos, além de consideradas as questões sociais que envolvem a luta pela permanência das famílias atingidas pela UHE-Itapiranga, foi definido o local de implantação do Centro de Pesquisa Arqueológica.

Contudo, é preciso determinar do que se trata esse equipamento e como ele se relacionará com a comunidade local e regional para que seja aceito e defendido por ela.

São apresentadas a seguir, as principais diretrizes para o desenvolvimento da proposta para além das necessidades técnicas que uma instituição de guarda e pesquisa demanda.

**COMUNIDADE**  
Espaço de encontro e de fortalecimento dos vínculos entre os habitantes locais e das comunidades próximas.

**PESQUISA**  
Instituição de Pesquisa responsável pela exploração, interpretação e extroversão dos sítios arqueológicos e dos artefatos encontrados, que desperte a curiosidade e a vontade de aprender de novas maneiras.

**HISTÓRIA**  
Permitir, através da arqueologia, a ampliação dos conhecimentos sobre a história local, enriquecer as práticas educacionais da região e principalmente o ensino na comunidade de Linha Catres e nas comunidades próximas.

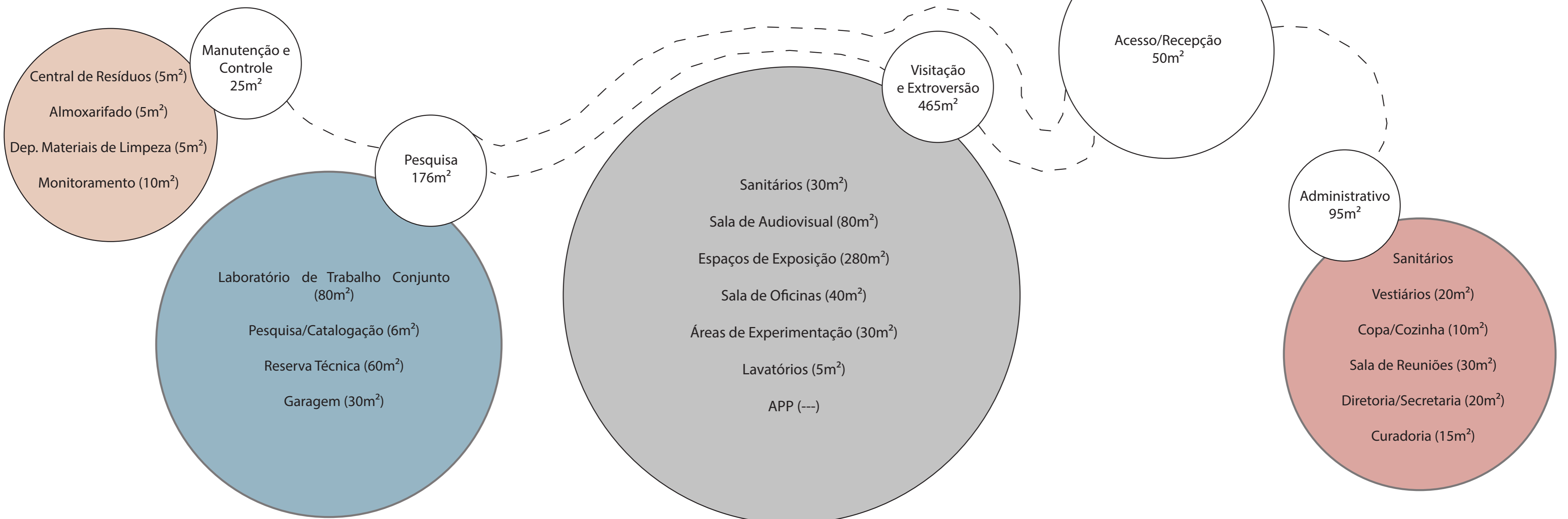
**EDUCAÇÃO**  
Equipamento que promova atividades para todas as faixas etárias, proporcionando novas formas de ver a região e de aprender com o passado de outras culturas.

**CULTURA (S)**  
Ambiente que proporcione a exposição da cultura local e faça o contraponto entre as culturas dos diferentes povos que ocuparam a região. Apontando diferenças e semelhanças e incentivando o debate sobre a rica herança cultural regional.

**RELAÇÕES SOCIAIS**  
Fortalecer as relações entre os habitantes da comunidade e fomentar interações com habitantes de outras localidades e até mesmo de outras cidades. "Abrindo" a comunidade para novos contatos que podem auxiliar no desenvolvimento humano dos habitantes.

**CIÊNCIA**  
Descentralização da pesquisa científica, proporcionando que cidades até então "esquecidas" e suas populações, tenham contato com práticas científicas. Ampliando os horizontes dos moradores da região.

## PROGRAMA DE NECESSIDADES E RELAÇÃO ENTRE OS ESPAÇOS



## CONDICIONANTES DO SÍTIO

O terreno escolhido para a implantação do Centro de Pesquisa Arqueológica está localizado às margens da SC - 283, tendo sua maior face voltada para ela. Os outros limites do terreno são o riacho (à Leste) e uma área utilizada atualmente para plantação (Sul).

Grande parte do recorte é determinada como Área de Preservação Permanente (APP), o que impede construções ali. Desconsiderando a APP e as áreas dos recuos estipulados pela Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo de Mondai, a área do terreno é de 2041m<sup>2</sup> para um programa de necessidades com 929m<sup>2</sup>.

## MACROZONA DE EXPANSÃO URBANA MISTA

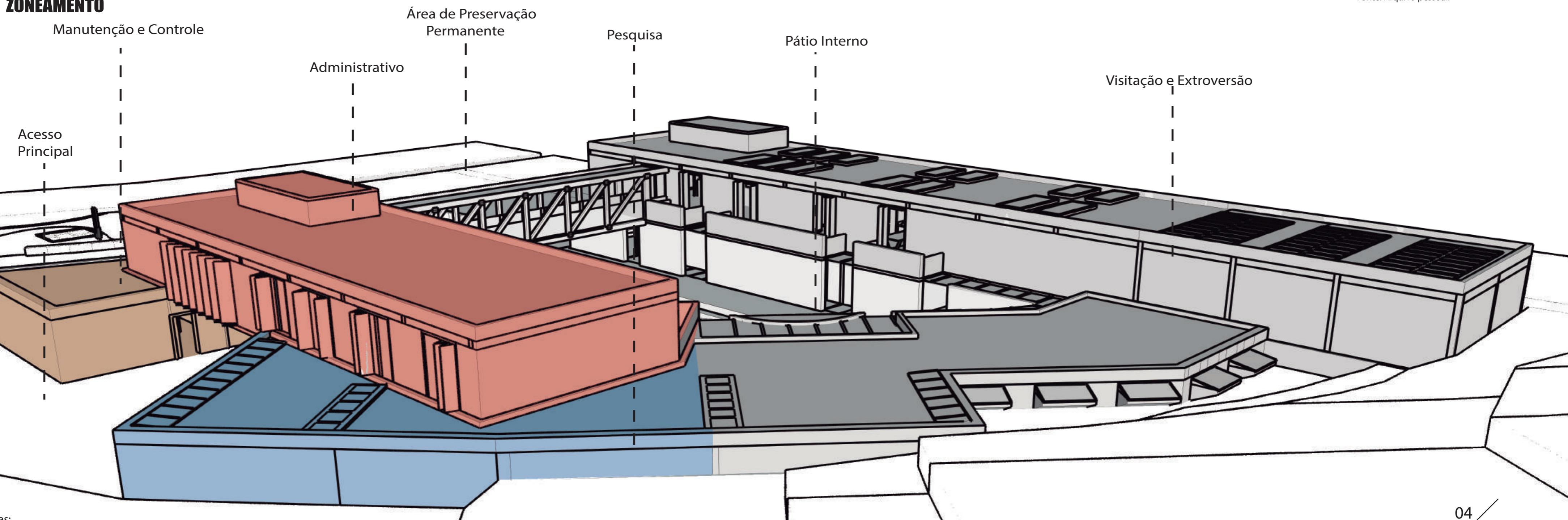
Segundo o Macrozoneamento de Mondai (2012) a determinação de Linha Catres como Macrozona de Expansão Urbana Mista tem como objetivo promover o adensamento e o desenvolvimento da área, levando infraestrutura para possibilitar a implantação de equipamentos de interesse misto. Dessa maneira entende-se que o Centro de Pesquisa Arqueológica, pelo que se propõe, tenha construção permitida na localidade, mesmo sem a especificação exata desse tipo de equipamento.

## LEGISLAÇÃO

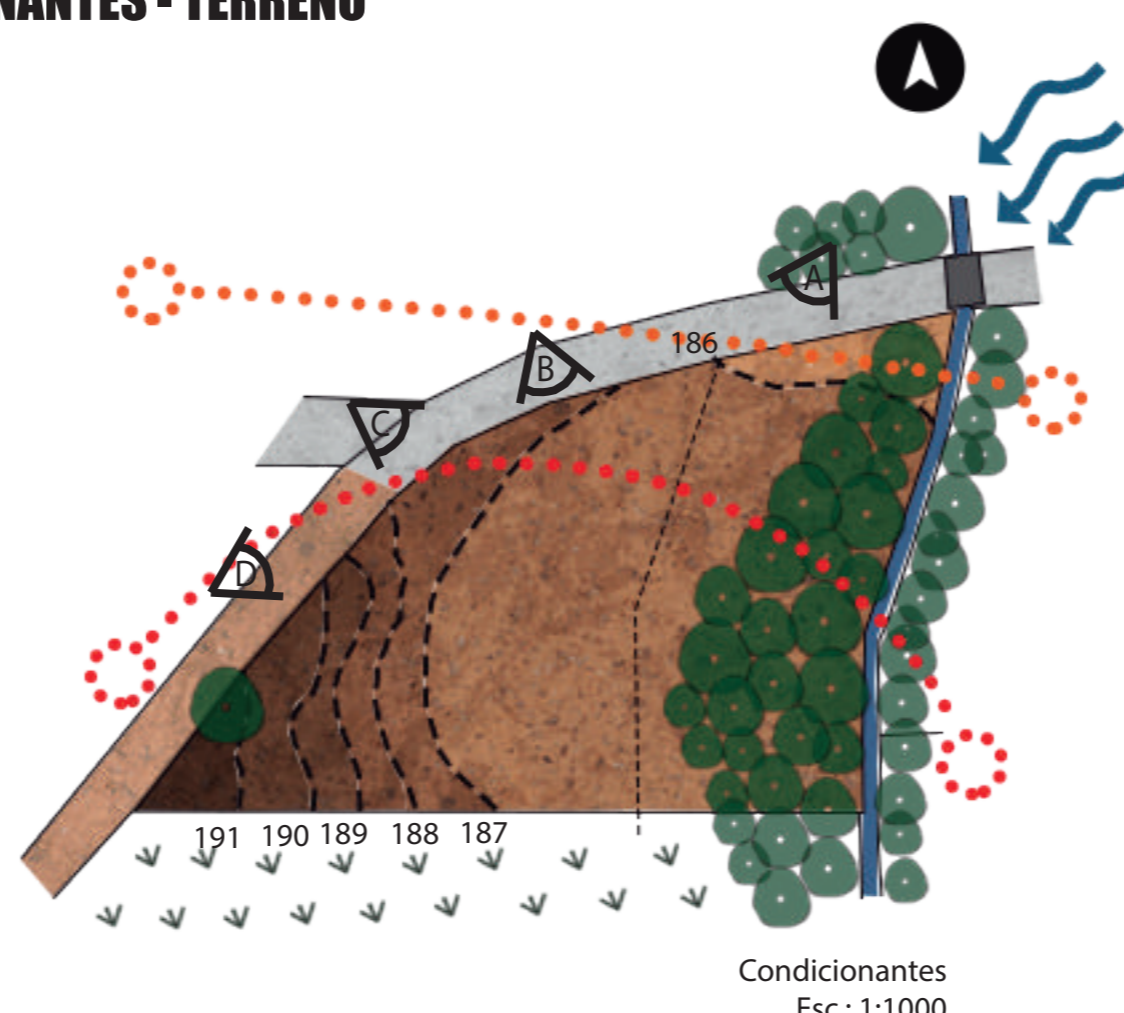
Recuo de Frente: 4,00m  
Taxa de Ocupação: 70%  
Taxa de Permeabilidade: 20%

Recuo Lateral e de Fundos: 1,50m  
Índice de Aproveitamento: 1,4

## ZONEAMENTO



## CONDICIONANTES - TERRENO



## REGISTROS FOTOGRÁFICOS



# Implantação e Materialidade

Diretrizes para a volumetria e para a implantação no sítio;  
Materiais construtivos e o que representam na proposta.

## Diretrizes de Implantação

A partir da análise de condicionantes do sítio foram determinados alguns aspectos importantes para o lançamento do projeto arquitetônico. Tendo uma grande Área de Preservação Permanente existente no recorte, optou-se mesmo se tratando de uma provável área rural consolidada, propor o reflorestamento do espaço, ao mesmo tempo em que ele serve para fins educacionais do centro de pesquisa e para momentos de lazer da comunidade local. Foram dispostos caminhos sinuosos e pontos de parada que podem ser utilizados de diversas formas, incluindo horários em que o equipamento não esteja em funcionamento; para isso foi criado um acesso para a APP externo ao centro de pesquisa (visível na imagem 01, ao lado). Ao longo dos caminhos são dispostos tótems que fazem parte da proposta de reestruturação da SC-283, juntamente com seu calçamento; esses elementos informam das atividades do centro de pesquisa e de seu funcionamento.

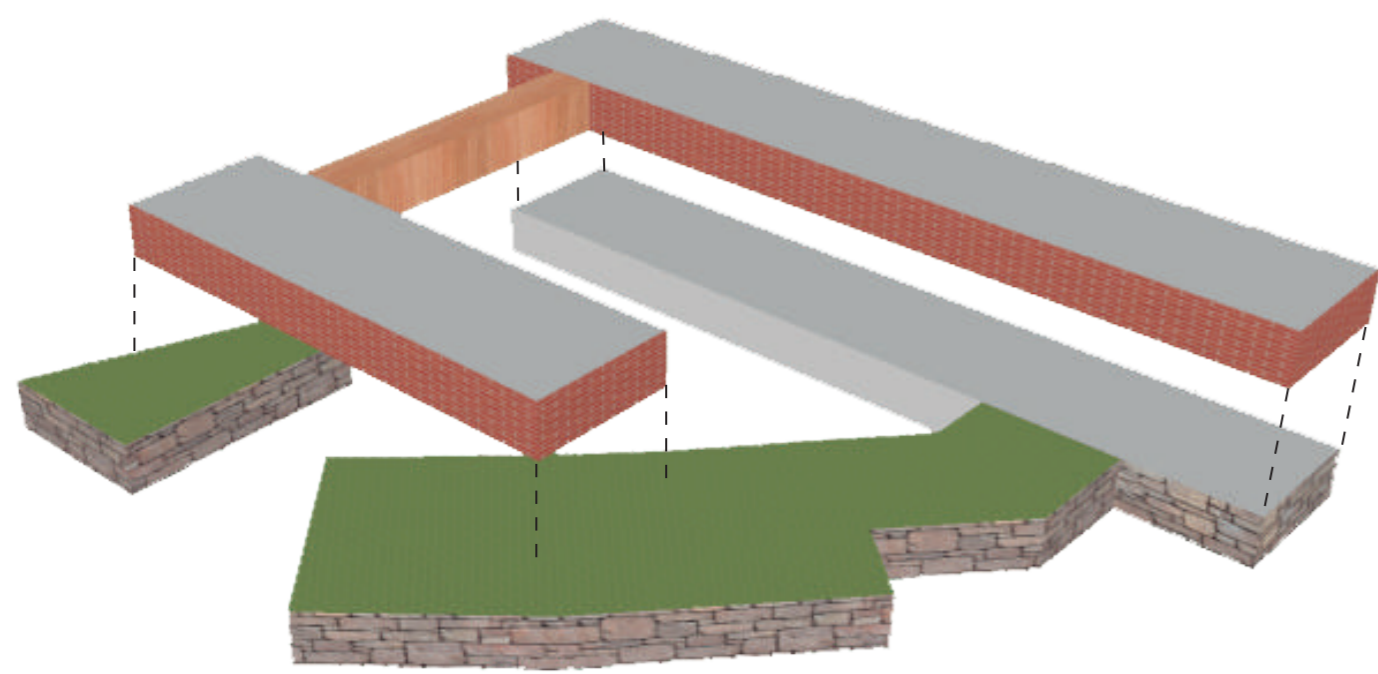
No terreno vizinho (fundos) é realizado o plantio de milho, o que faz com que em algumas épocas do ano seja levantada muita poeira, pelo trabalho na lavoura. Para barrar o máximo possível dela, junto com a recuperação da vegetação da APP, foi proposto um volume sólido nos fundos do terreno. Aproveitando da inclinação do terreno, foram propostas algumas salas semienterradas, cujos volumes juntamente com os demais conformam um pátio interno. Espera-se que esse pátio sirva como espaço para realização de atividades culturais e de convívio da comunidade, por essa razão foi setorizado de acordo com os usos esperados.



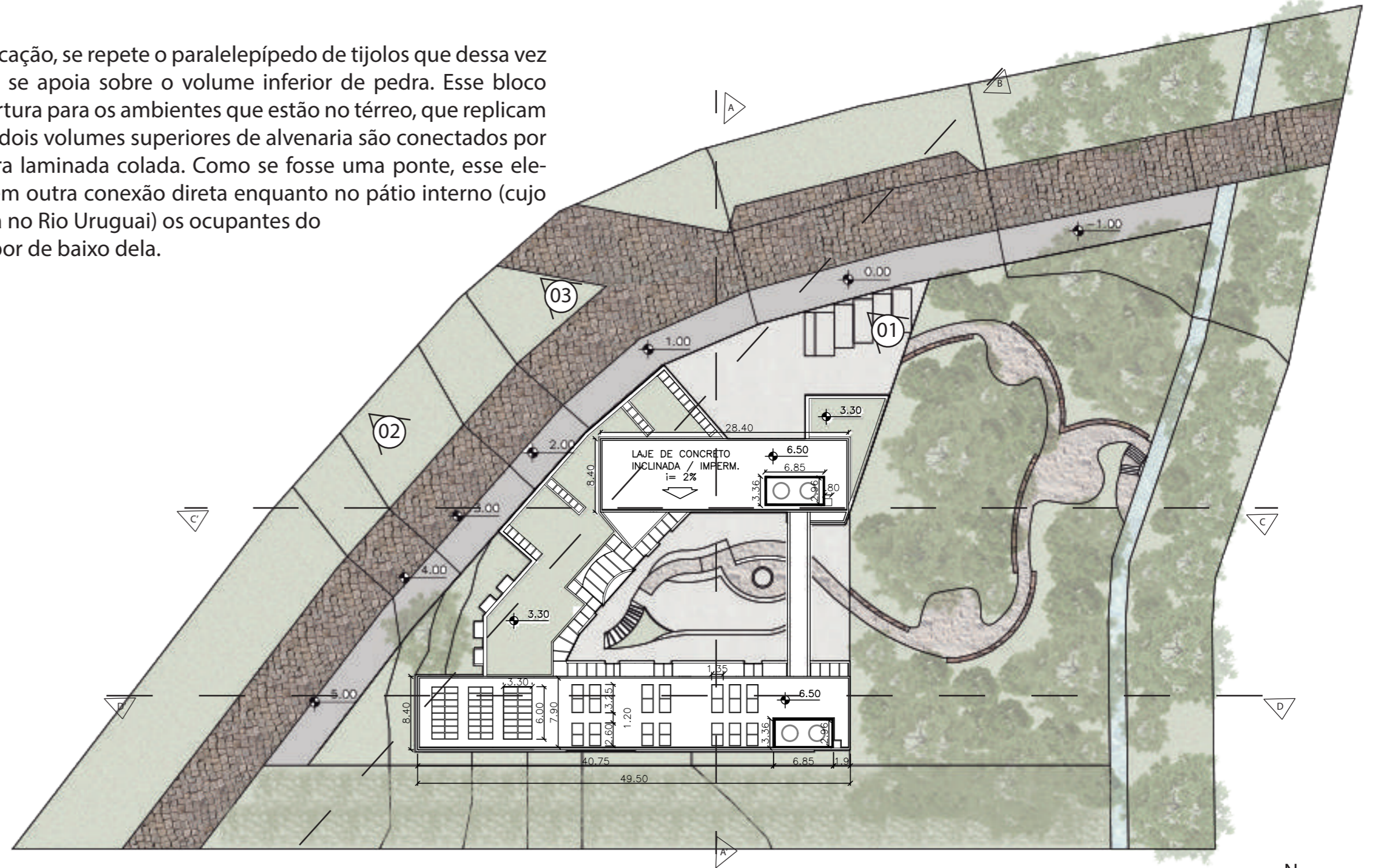
## Composição da Volumetria

A volumetria do Centro de Pesquisa Arqueológica se desenvolve a partir de um conjunto de sólidos que se sobrepõem em dois níveis. Essa sobreposição é visível tanto pelos volumes quanto pelos materiais empregados nas fachadas e na estrutura. No térreo, dois volumes poligonais se elevam com paredes de pedra e são conectados por um paralelepípedo com paredes de tijolo, que se apoia sobre eles como se fossem peças que encaixam e se sustentam (e de fato, pilares e vigas embutidos nas paredes de pedra sustentam o bloco superior frontal).

Na parte posterior da edificação, se repete o paralelepípedo de tijolos que dessa vez se expande e novamente se apoia sobre o volume inferior de pedra. Esse bloco superior serve como cobertura para os ambientes que estão no térreo, que replicam a forma mais uma vez. Os dois volumes superiores de alvenaria são conectados por uma passarela em madeira laminada colada. Como se fosse uma ponte, esse elemento liga dois pontos sem outra conexão direta enquanto no pátio interno (cujo desenho de piso se inspira no Rio Uruguai) os ocupantes do espaço fazem a travessia por de baixo dela.



Esquema de relação entre volumes.  
Sem Escala.



Implantação com Planta de cobertura e Reservatórios  
Escala: 1:500

## Perspectiva Aérea Geral da Edificação 02

## Materialidade



Para compor a identidade visual do projeto foram escolhidos materiais que incorporam significados relacionados ao tema de forma geral, desde referências aos povos pré-coloniais até materiais presentes na cultura e nas histórias locais.

Para os blocos do pavimento térreo foram escolhidas paredes de alvenaria de pedra basalto, muito comum na região e que é associada à atividade de "limpar" o terreno para o plantio. Atividade que décadas atrás resultou no descobrimento de diversas urnas funerárias. Outra alvenaria utilizada é o tijolo ecológico, que através de ferragens pode ser deslocado dos pilares que sustentam a cobertura, proporcionando um aspecto de pura cerâmica nas fachadas em que é empregado. O motivo da escolha de mais uma alvenaria foi o fato da segunda remeter ao trabalho cerâmico dos povos pré-coloniais, muito presente na região.

Para as vedações, brises e elementos de circulação foi escolhida a madeira, por estar diretamente relacionada com a história mais recente da região. Desde o primeiro grande ciclo da madeira na região, o dos balseiros do Rio Uruguai (até hoje presentes na memória local) até a alta produtividade das indústrias madeireiras hoje, esse material sempre esteve presente na vida dos colonizadores e de seus descendentes, hoje residentes na comunidade e agora se comunica com elementos que representam outros momentos históricos e outras culturas. Para amenizar o peso das alvenarias e diferenciar os materiais com clareza, são utilizadas algumas paredes e elementos de "moldura" com pintura branca.



## Perspectiva do Acesso ao Centro de Pesquisa e à APP 03



# Acesso ao Centro de Pesquisa Arqueológica e o Pátio Interno

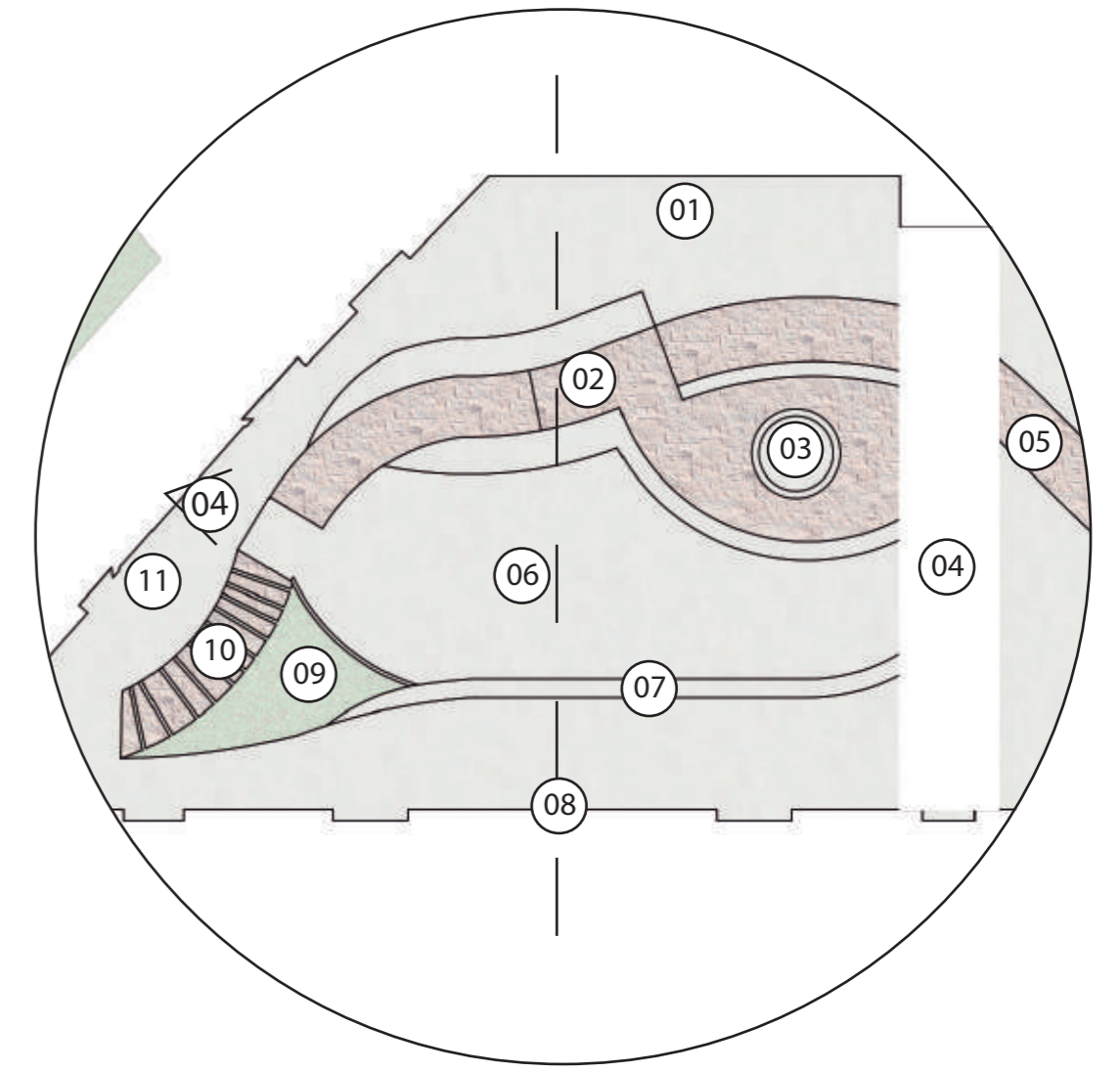
Espaço para atividades culturais, apresentações artísticas e convívio em comunidade.

## Zoneamento e Usos

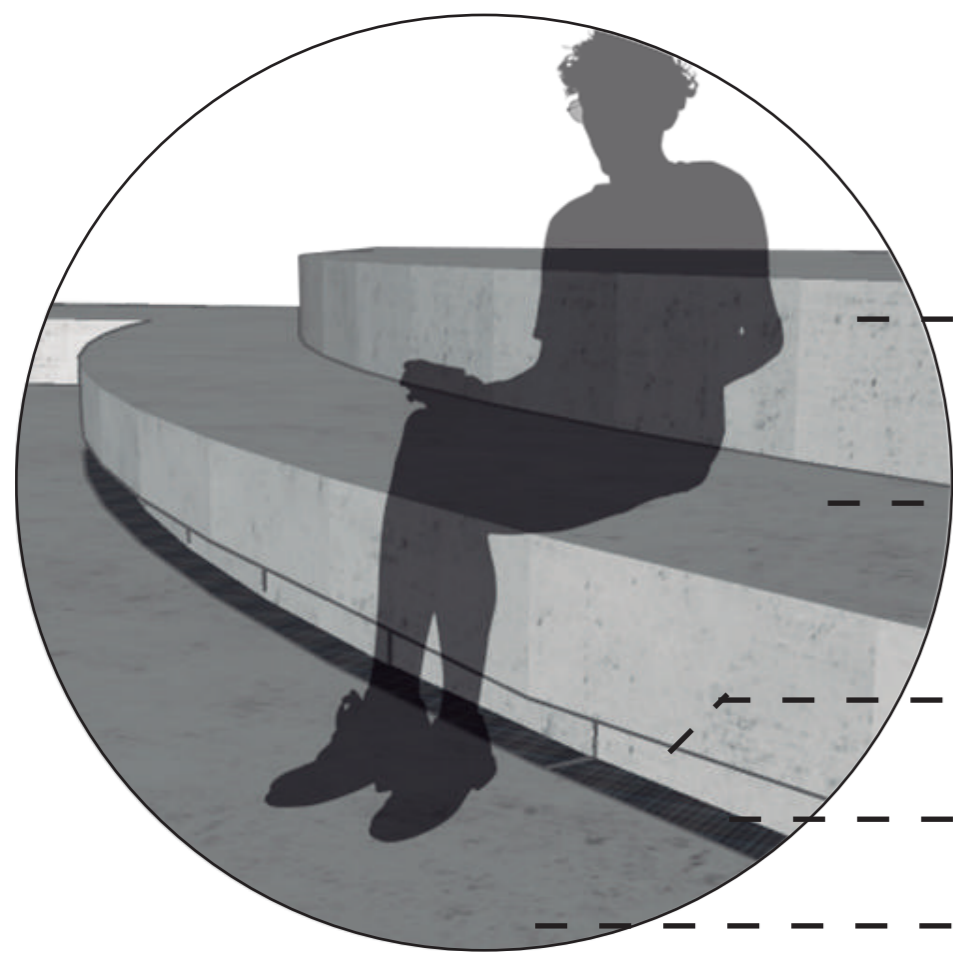
Ao acessar o Centro de Pesquisa Arqueológica, o indivíduo/grupo se encontra sob a laje do bloco superior, um espaço coberto e aberto que o direciona para diferentes espaços, de acordo com o que pretende fazer. A principal abertura nesse ponto (01) se dá para o pátio interno da edificação; um espaço enterrado numa profundidade de até 80cm com níveis intermediários. O espaço foi projetado para receber atividades culturais diversas, desde as mais tradicionais na comunidade: canto coral, danças folclóricas e apresentações musicais, até formas de expressão artística não encontradas atualmente na região como teatros lineares e apresentações que utilizam de níveis diferentes para suas performances. Também imagina-se que o pátio interno proporcione experiências de aproximação das famílias da vila e das comunidades próximas através de atividades tanto diurnas quanto noturnas que aproximem as pessoas, como eventos de contação de histórias com queima de pinhão compartilhada. Para tal, o pátio dispõe de áreas que façam com que essas atividades possam ser realizadas com êxito. Inicialmente o pátio foi dividido em duas partes a partir de um eixo Norte-Sul, o que foi determinante para dispor espaços mais agradáveis para o verão e para o inverno. À esquerda do eixo está o espaço mais agradável no verão, pois devido a disposição dos blocos durante a tarde essa área possui sombra. Foi colocada ali uma escadaria de pedra (10) sobre um talude (09) que se tornam áreas mais agradáveis para a permanência no

verão, juntamente com a circulação lateral (11) à área escavada. A parte mais baixa e também mais ampla (06) pode ser acessada pela escadaria (02) ou pela rampa. Esses elementos de circulação possuem textura diferente do restante do piso de concreto para que fiquem evidentes. O traçado de ambos, juntamente com a continuação do piso para a APP (05) são inspirados no desenho do Rio Uruguai e na sua sinuosidade. Esse desenho de piso tem seu simbolismo evidenciado também ao passar por baixo da passarela de MLC (04) que nesse instante atua como uma ponte por cima da circulação térrea. Junto da parte mais baixa do pátio estão dispostos degraus que servem também como arquibancadas (07) para sentar e assistir alguma apresentação ou para dispor coralistas e atores. As duas arquibancadas existentes estão localizadas uma de frente para a outra de forma que a plateia fique de frente para o artista. Ao redor da área rebaixada existe uma circulação por onde passam confortavelmente ao menos duas pessoas lado a lado (1.50m) e em alguns pontos essa medida aumenta, criando uma área de palco (08) para grupos maiores, que podem utilizar as paredes de pedra como fundo de cenário ou como apoio para cenários próprios. Além dessas características, um elemento recebe destaque por sua versatilidade, o palco/forno (03) esquematizado a seguir, serve tanto para recitação de poemas/jograis como para contação de histórias e queimas de pinhão em eventos comunitários.

## Usos e espaços do pátio interno (sem escala)

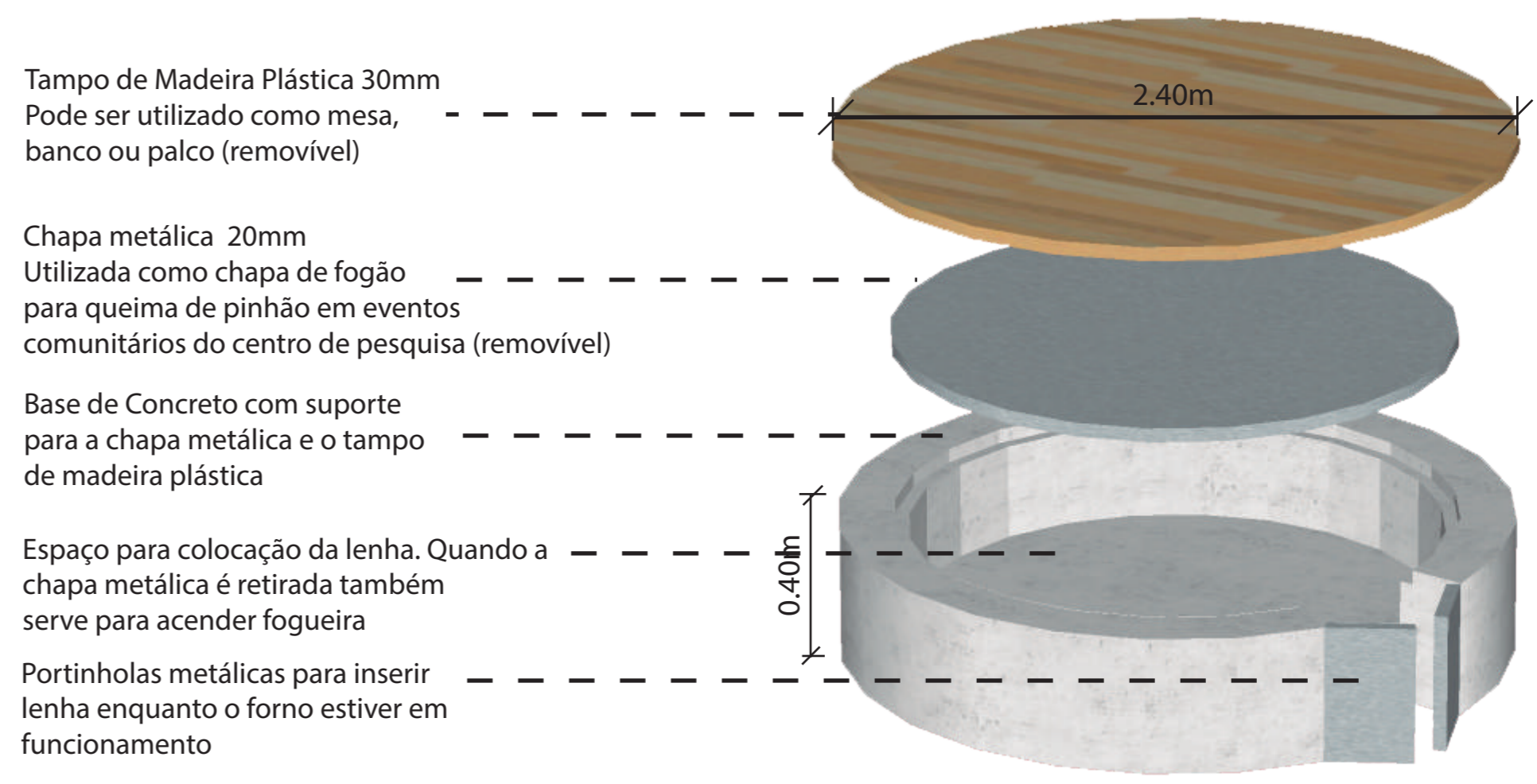


## Esquema de Coleta de Água Pluvial no Pátio Interno (Sem Escala)

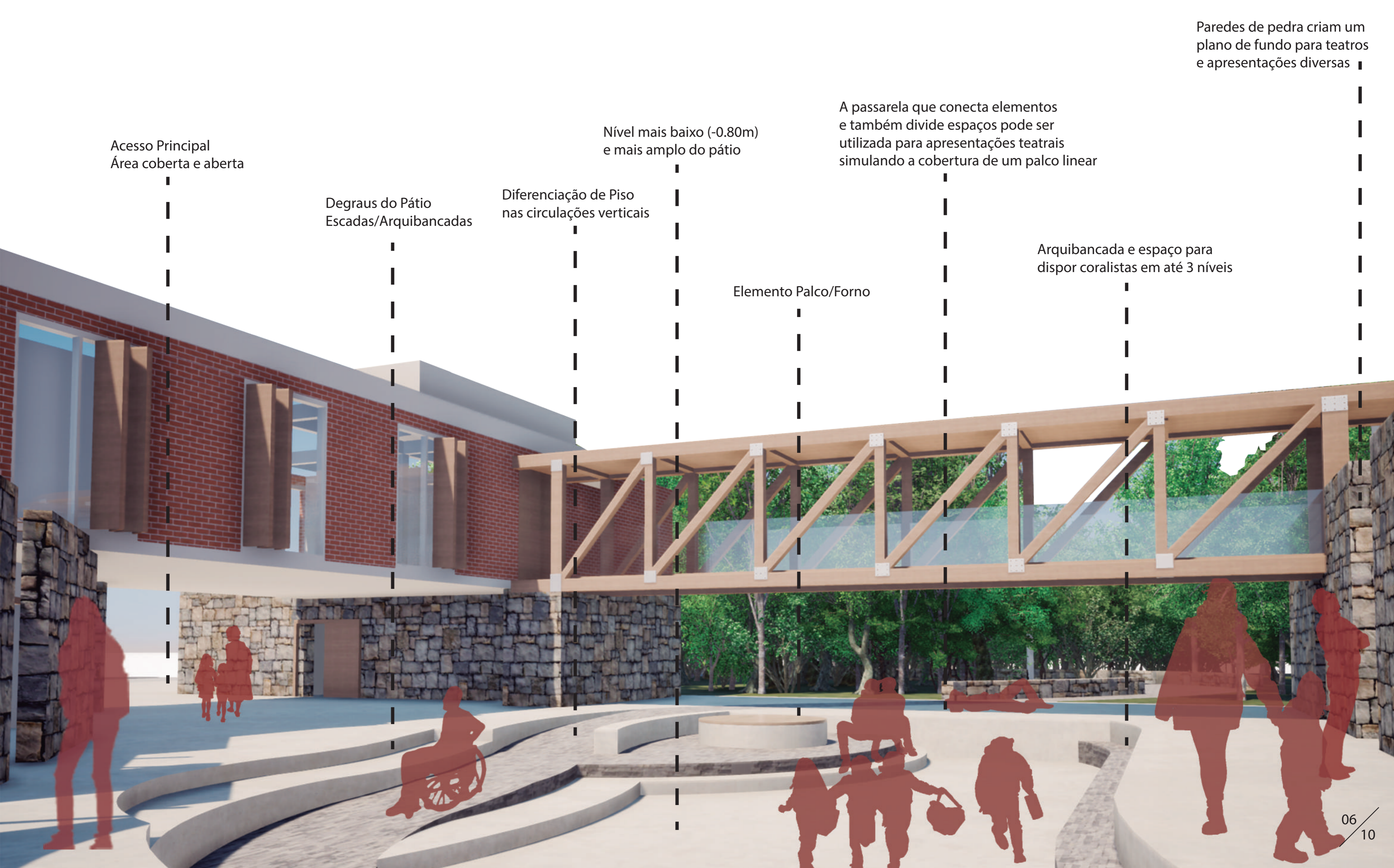


- Banco de concreto pátio interno
- Banco de concreto do pátio interno. Nível -0.40m
- Recuo de 10cm em relação ao limite do banco de concreto
- Rebaixamento de 2cm em relação ao nível mais baixo do pátio (-0.80m) com grade metálica. Coleta de água pluvial
- Piso de concreto com inclinação no sentido das extremidades do pátio. Nível -0.80m

## Esquema do equipamento que serve como forno/palco (Sem Escala)



## Distribuição de espaços no pátio interno



# Pavimento Térreo

Laboratório e ambientes relacionados a pesquisa e primeiros contatos com o patrimônio arqueológico.

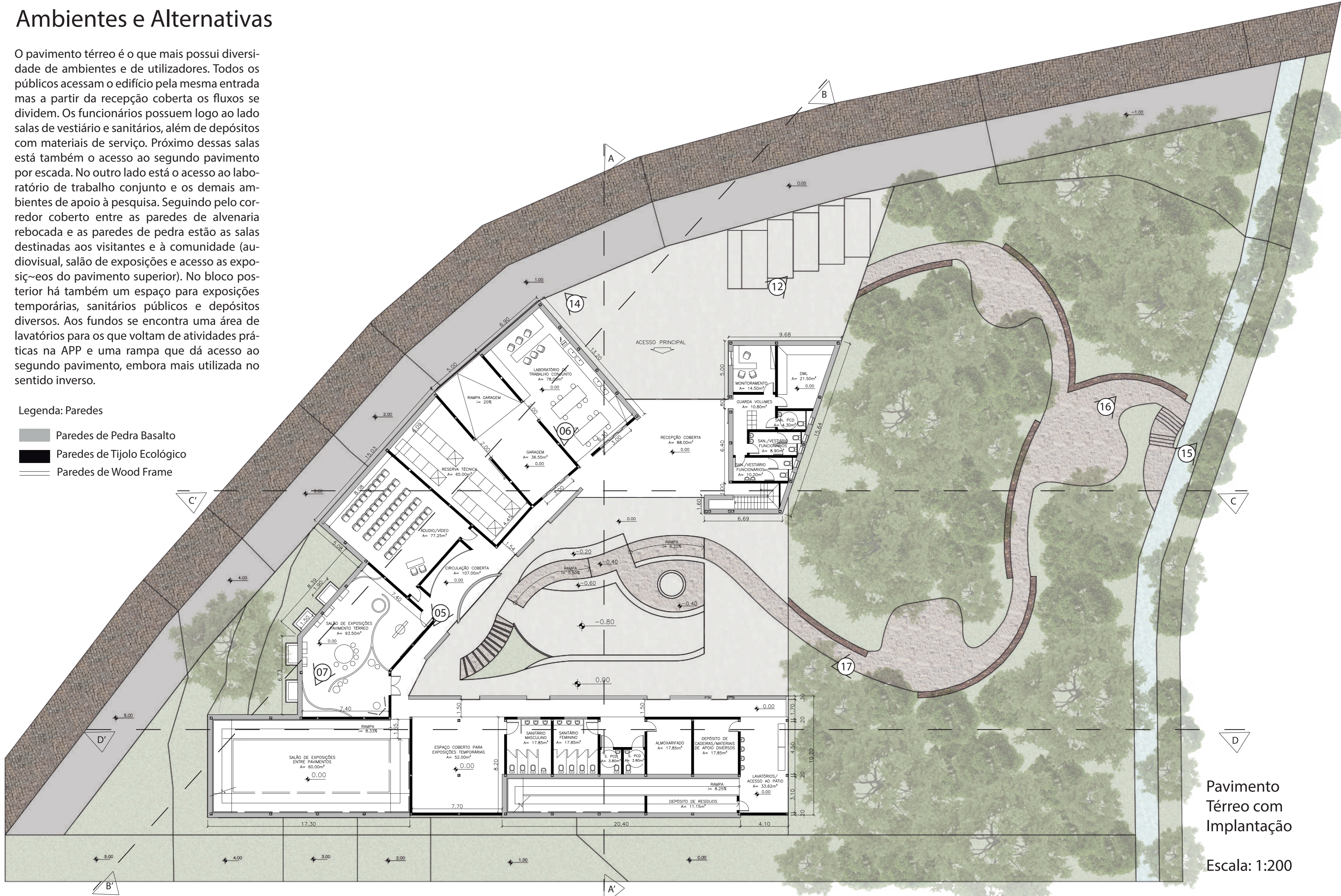


## Ambientes e Alternativas

O pavimento térreo é o que mais possui diversidade de ambientes e de utilizadores. Todos os públicos acessam o edifício pela mesma entrada mas a partir da recepção coberta os fluxos se dividem. Os funcionários possuem logo ao lado salas de vestiário e sanitários, além de depósitos com materiais de serviço. Próximo dessas salas está também o acesso ao segundo pavimento por escada. No outro lado está o acesso ao laboratório de trabalho conjunto e os demais ambientes de apoio à pesquisa. Seguindo pelo corredor coberto entre as paredes de alvenaria rebocada e as paredes de pedra estão as salas destinadas aos visitantes e à comunidade (audiovisual, salão de exposições e acesso a exposições do pavimento superior). No bloco posterior há também um espaço para exposições temporárias, sanitários públicos e depósitos diversos. Aos fundos se encontra uma área de lavatórios para os que voltam de atividades práticas na APP e uma rampa que dá acesso ao segundo pavimento, embora mais utilizada no sentido inverso.

### Legenda: Paredes

- Paredes de Pedra Basalto
- Paredes de Tijolo Ecológico
- Paredes de Wood Frame



Pavimento Térreo com Implantação

Escala: 1:200



### Corredores Cobertos e Painel Educativo

05

Entre as paredes de alvenaria rebocada e as paredes de pedra que emolduram o pátio interno estão os corredores cobertos com várias aberturas laterais para o pátio. No espaço em frente a sala de audiovisual o corredor fica mais largo e a parede recebe um painel educativo com informações sobre os fluxos migratórios no mundo durante a pré-história. Dessa maneira, caso o visitante não esteja acompanhado de uma excursão que tenha agendado uma visita guiada, ele pode ter acesso ao conteúdo que seria transmitido por vídeo de outra maneira. Fazendo com que o trajeto pelos espaços de exposição seja completo de forma individual ou em grupo.



### Laboratório de Trabalho Conjunto

06

Com base na visita ao CEOM e na leitura de manuais e recomendações foi proposto para o grupo de pesquisa um laboratório de trabalho conjunto, onde os profissionais possam atuar de maneira interdisciplinar desde a análise dos artefatos até sua interpretação para determinar as melhores formas de realizar a extroversão do conhecimento. Para atender as portarias do IPHAN o piso escolhido foi de concreto polido e as bancadas de granito. A sala conta com grandes bancadas e vários armários para armazenamento de material, além de três mesas para trabalhos simultâneos e um espaço para reunião. Com a finalidade de deixar o ambiente mais confortável, foi escolhido um forro de madeira para compor o ambiente.



### Salão de Exposições do Pavimento Térreo

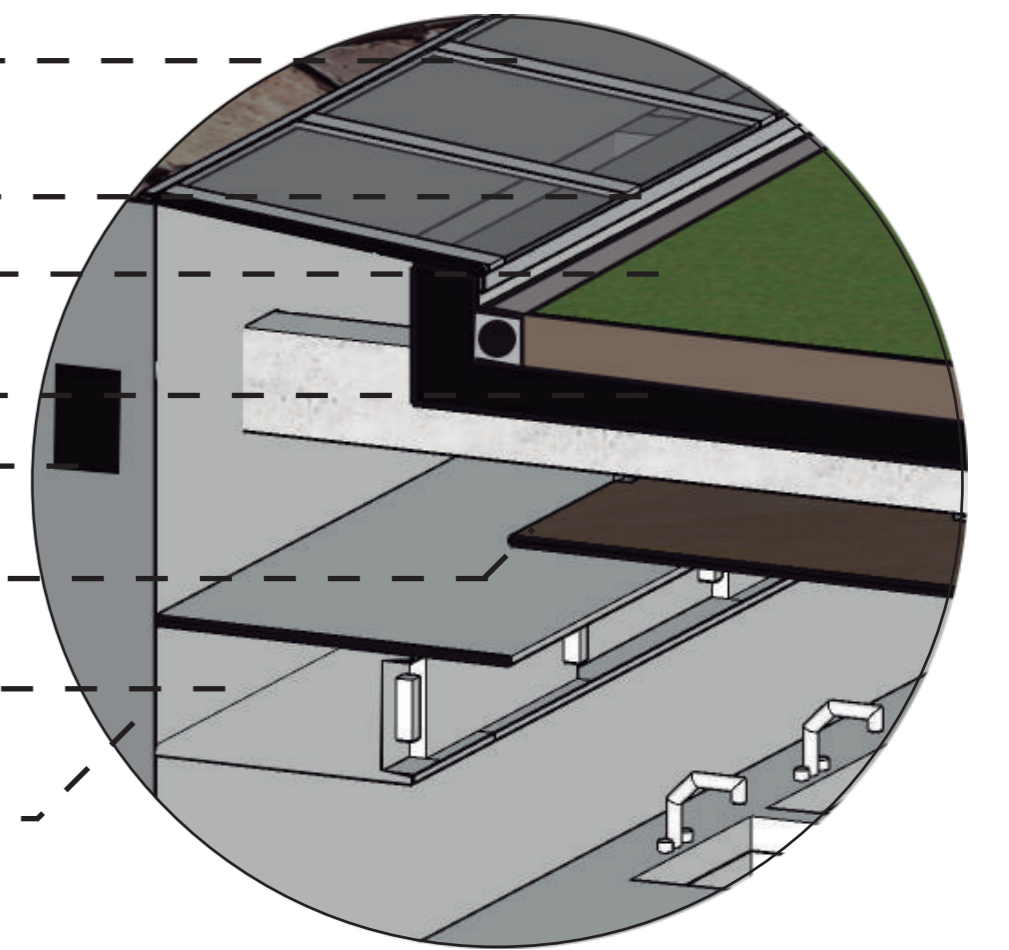
07

O primeiro ambiente de exposições com o qual o visitante tem contato é o salão no pavimento térreo. Nele foram dispostos três áreas que contam desde a chegada dos primeiros povos na América até o esvaziamento da região oeste catarinense. Nesse espaço são apresentados materiais líticos, cerâmicos, ósseos e réplicas impressas, para que todos os públicos possam ter contato com o material. As paredes externas e o forro são brancos para que não se destaquem, enquanto uma parede com estrutura de Wood Frame e revestimento de palha trançada remete ao trabalho artesanal indígena e o piso de parquet faz referência às salas de aula da escola existente na comunidade.

## Estratégias de Iluminação Pavimento Térreo

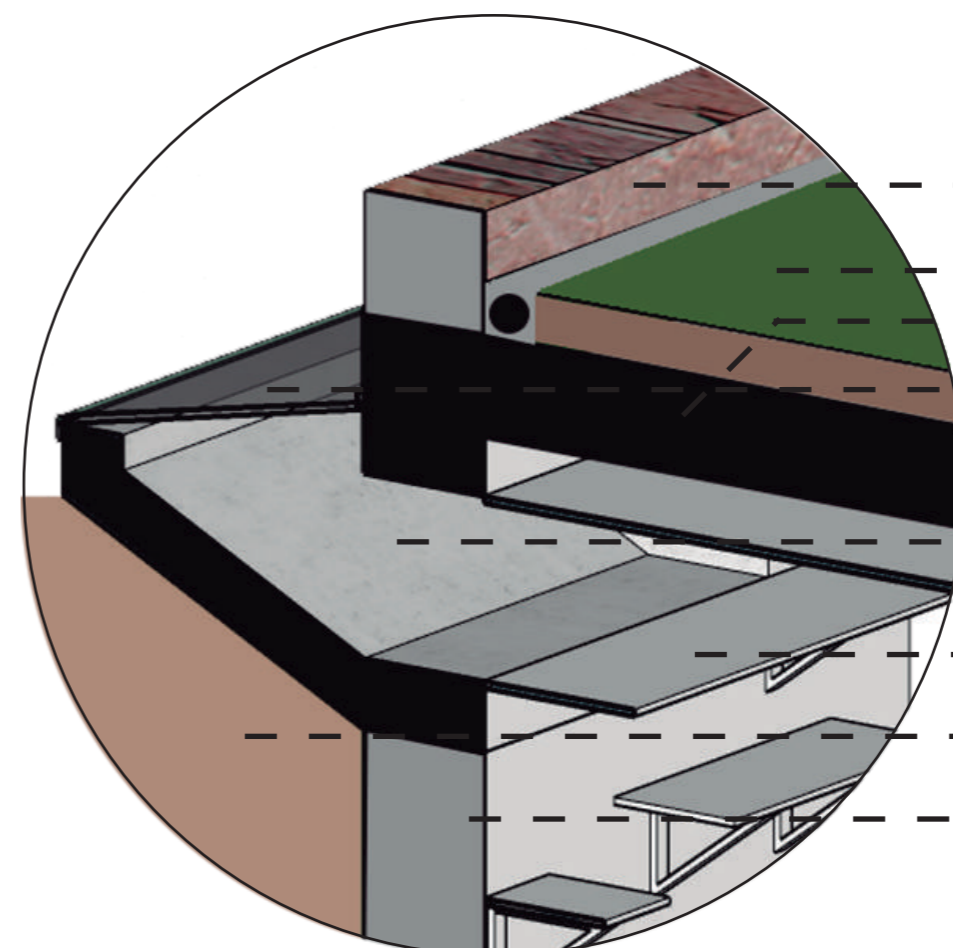
### Esquema de Iluminação Zenital do Laboratório de Trabalho Conjunto (Sem Escala)

- Esquadria metálica com vidro temperado 5mm
- Pingadeira
- Telhado Verde
- Laje impermeabilizada de Concreto
- Viga de concreto embutida na parede de pedra
- Forro rebaxado de madeira
- Armário aéreo com tempo que seprojeta para criar uma prateleira de reflexão
- Parede de Pedra



### Esquema de Iluminação do Salão de Exposições Térreo (Sem Escala)

- Parede de Pedra
- Telhado Verde
- Laje de Concreto
- Vidro Temperado 5mm
- Sistema de Iluminação lateral para as salas de exposição semienterradas
- Prateleira para reflexão
- Solo
- Parede de Pedra



# Pavimento Superior

Salão de exposições, conexão entre blocos por passarela de MLC, sala de oficinas e ambientes administrativos.

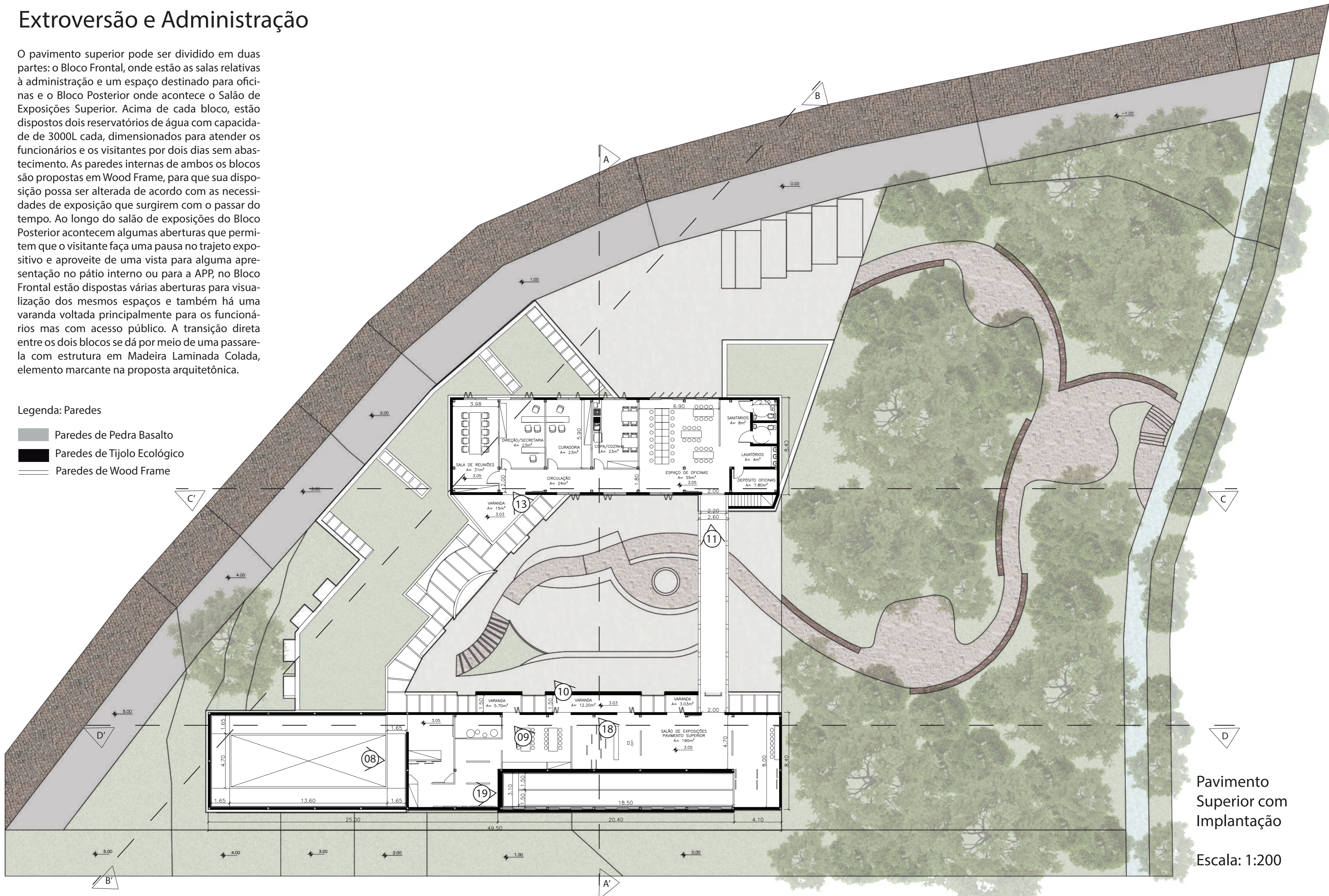


## Extroversão e Administração

O pavimento superior pode ser dividido em duas partes: o Bloco Frontal, onde estão as salas relativas à administração e um espaço destinado para oficinas e o Bloco Posterior onde acontece o Salão de Exposições Superior. Acima de cada bloco, estão dispostos dois reservatórios de água com capacidade de 3000L cada, dimensionados para atender os funcionários e os visitantes por dois dias sem abastecimento. As paredes internas de ambos os blocos são propostas em Wood Frame, para que sua disposição possa ser alterada de acordo com as necessidades de exposição que surgirem com o passar do tempo. Ao longo do salão de exposições do Bloco Posterior acontecem algumas aberturas que permitem que o visitante faça uma pausa no trajeto expositivo e aproveite de uma vista para alguma apresentação no pátio interno ou para a APP, no Bloco Frontal estão dispostas várias aberturas para visualização dos mesmos espaços e também há uma varanda voltada principalmente para os funcionários mas com acesso público. A transição direta entre os dois blocos se dá por meio de uma passarela com estrutura em Madeira Laminada Colada, elemento marcante na proposta arquitetônica.

Legenda: Paredes

- Paredes de Pedra Basalto
- Paredes de Tijolo Ecológico
- Paredes de Wood Frame

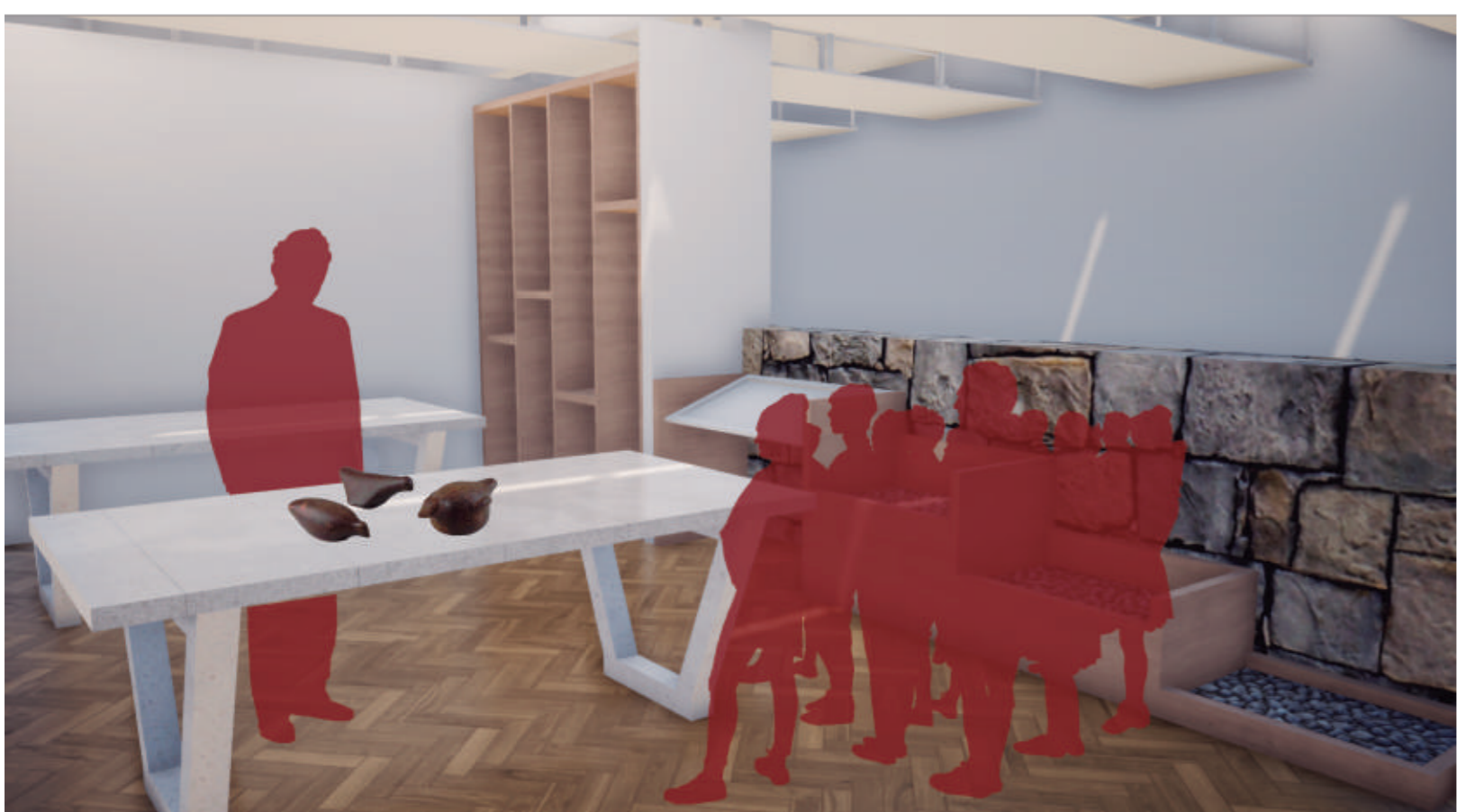


Pavimento Superior com Implantação  
Escala: 1:200



### 08 Rampa e Exposição de transição entre pavimentos

A transição entre o pavimento térreo e o superior acontece por meio de um salão de exposições. O piso de tábuas de madeira o diferencia das demais áreas com o mesmo uso, pois não remete à escola e a experimentação pelo tato. Incentiva dessa vez a observação contínua através de esculturas de metal que se revelam a medida em que os usuários utilizam da rampa, circundando-as e enxergando por novos ângulos. Existem amplas aberturas zenitais nessa sala, abaixo delas estão dispostas prateleiras pra controlar a iluminação. Essas prateleiras podem ser removidas totalmente ou em partes para proporcionar focos de luz e trabalhar com a sombra das esculturas.



### 09 Espaços de Extroversão pelo contato com artefatos

No segundo pavimento o piso de parquet se repete, indicando um espaço de aprendizado mais flexível com propostas onde especialmente as crianças podem ter contato físico com artefatos arqueológicos (exemplares já desgastados ou danificados). Nesse salão também existem prateleiras para controlar a iluminação. As paredes internas são brancas para não chamarem tanta atenção e uma parede de pedra se eleva e conforma um guarda corpo para a rampa de saída. As divisórias dos espaços de exposição são paredes de Wood Frame ou os próprios armários onde estão expostos os objetos, dessa forma os espaços podem ser facilmente adequados de acordo com as necessidades.



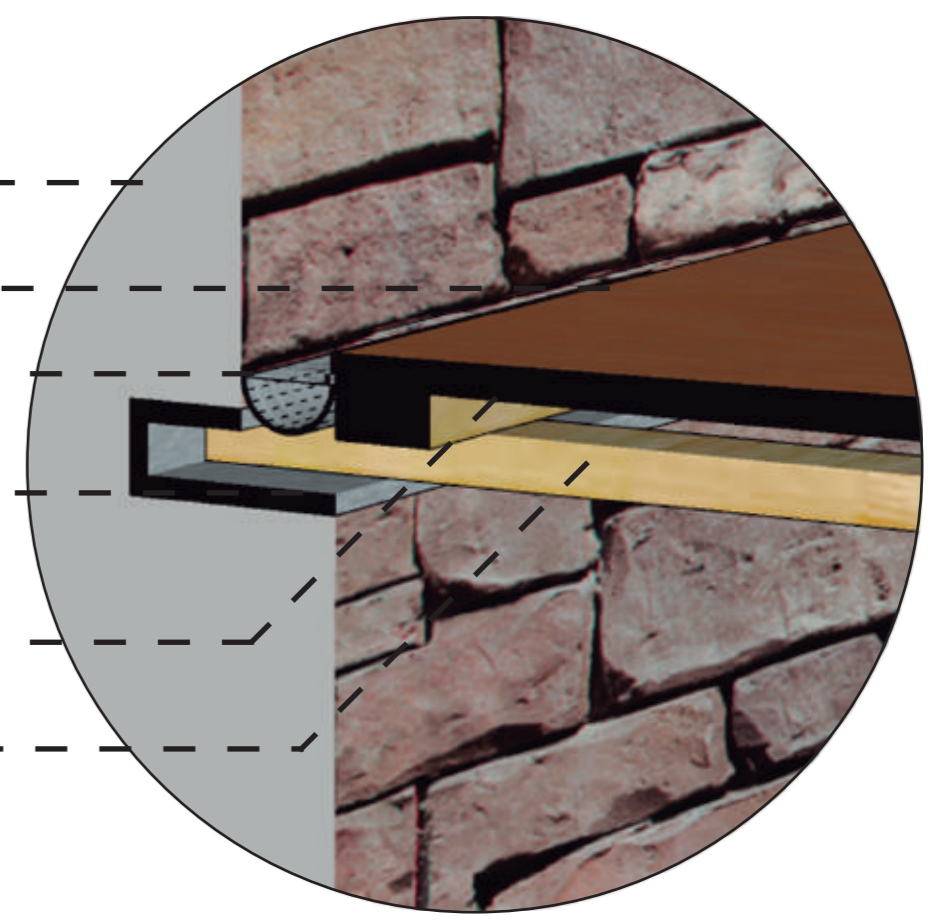
### 10 Varanda das Exposições e contato visual entre níveis

Caso o frequentador da exposição deseje fazer uma pausa no percurso ou "tomar um ar", pode se dirigir para as varandas nas laterais do salão. As paredes de pedra que vêm desde o térreo se elevam e conformam um guarda corpo. As varandas também podem ser utilizadas como patamares para assistir atividades realizadas no pátio interno ou até mesmo servirem como espaço para apresentações que serão vista lá de baixo. Essas varandas também permitem contato visual com a APP, transeuntes na passarela, ocupantes da sala de oficina e pessoas que passam na calçada ou na rua.

## Esquemas de Conexões e Estruturas

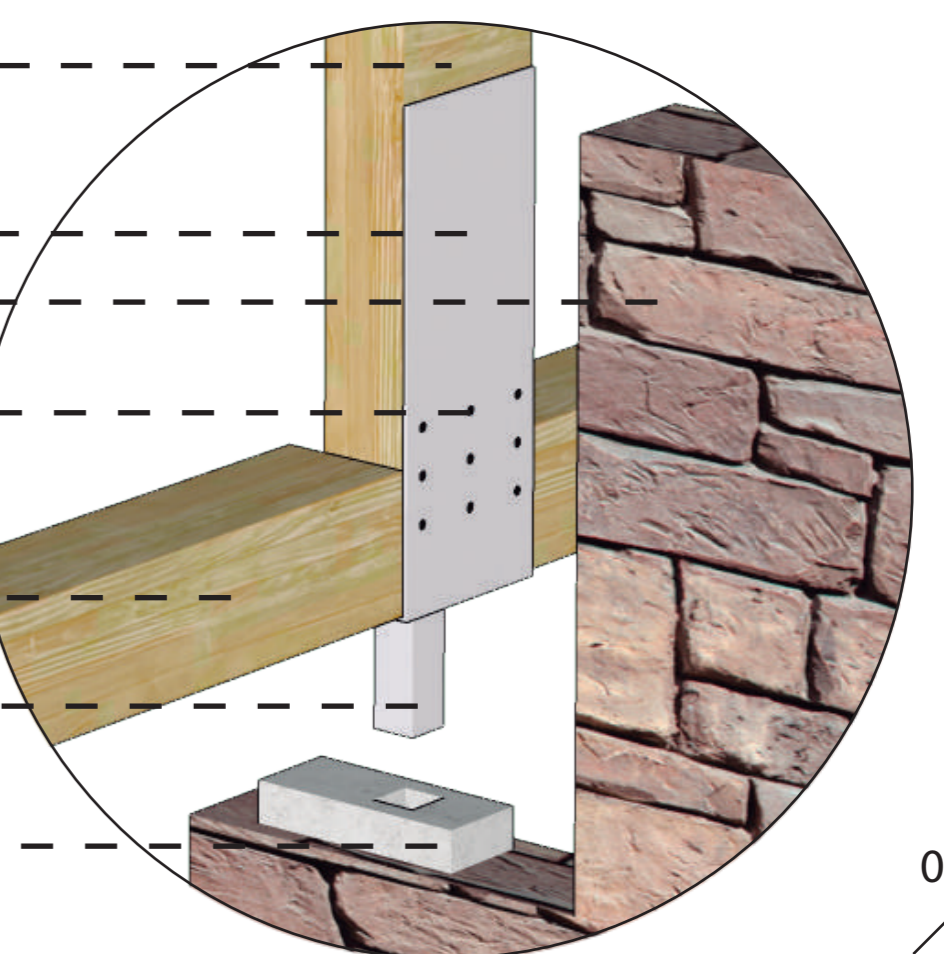
### Esquema de estrutura da varanda e ligação com a parede de pedra (Sem Escala)

- Parede de Pedra
- Piso de Madeira Plástica 30mm com inclinação de 1%
- Calha metálica 100mm com gradil
- Perfil metálico para impedir o contato entre a madeira e a pedra
- Peça de madeira para sustentação do piso
- Peça de madeira para encaixe do piso na parede de pedra



### Esquema de Conexão da Passarela com a parede de Pedra/ Pilar de Concreto (Sem Escala)

- Peça vertical de madeira da passarela
- Placa metálica para impedir o contato da madeira com a pedra
- Parede de pedra
- Furos para colocação de parafusos (estrutura da passarela)
- Peça de madeira horizontal da passarela
- Peça metálica que se conecta ao pilar de concreto
- Pilar de concreto embutido na parede de pedra





# Cortes e Perspectivas

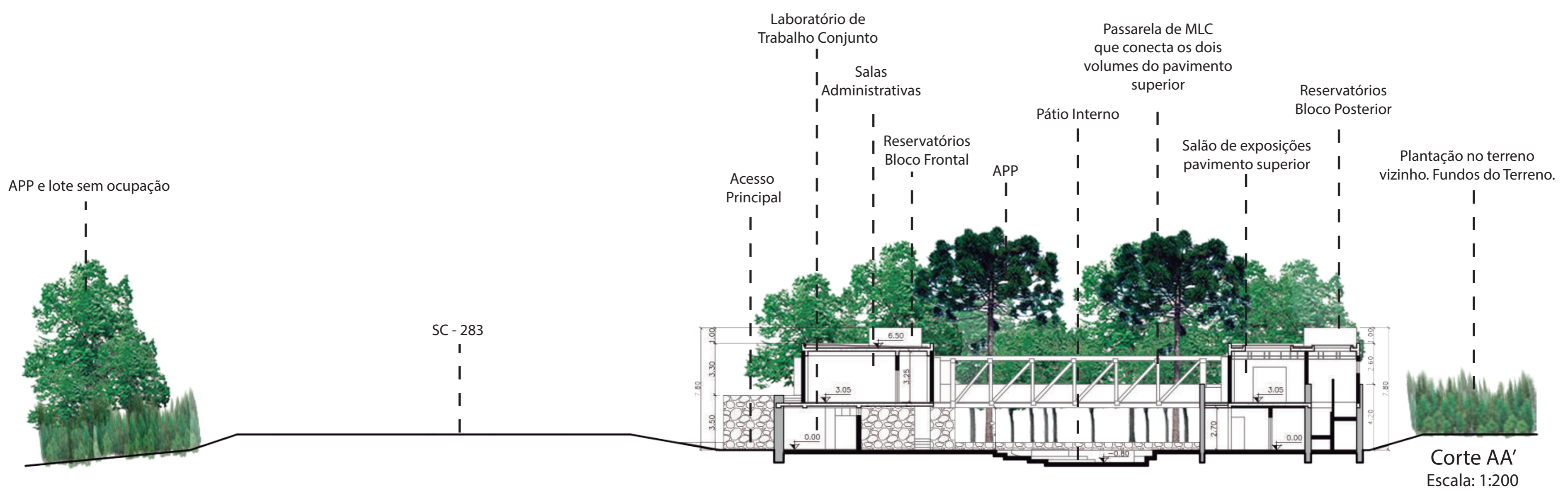
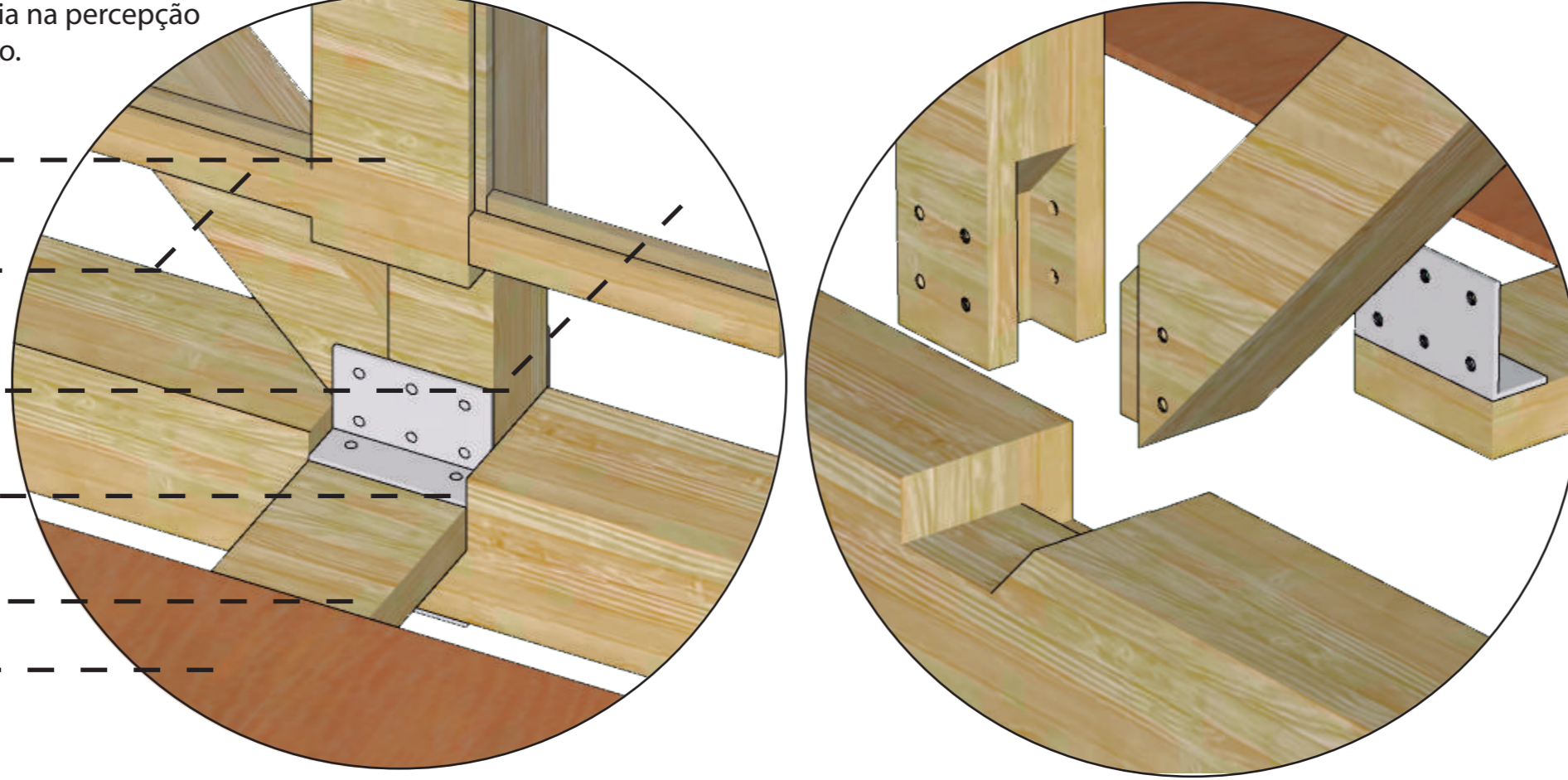
Cortes AA' e BB' e Perspectivas diversas da proposta

## Passarela de MLC

A passarela de Madeira Laminada Colada é um elemento marcante na edificação, não apenas por sua função mas também por sua estética. Os encaixes das peças foram desenhados para que as partes metálicas possam ser escondidas atrás de outras peças de madeira. É o caso do suporte do guarda corpo, que é colocado sobre um negativo com essa função. Dessa maneira, quem utiliza a passarela como circulação tem o mínimo de interferência na percepção da madeira como material central do elemento.

Ilustração: encaixes das peças de madeira de forma que o guarda corpo esconda os metais no interior da passarela  
(Sem Escala)

- Suporte de madeira do guarda corpo. Encaixado na estrutura.
- Suporte inferior para o guarda corpo
- Guarda corpo de vidro laminado 20mm
- Negativo resultante do encaixe da estrutura da passarela para encaixe do suporte de madeira do guarda corpo
- Peça de madeira - suporte do piso
- Piso de madeira plástica 30mm



## Acesso e área pavimentada

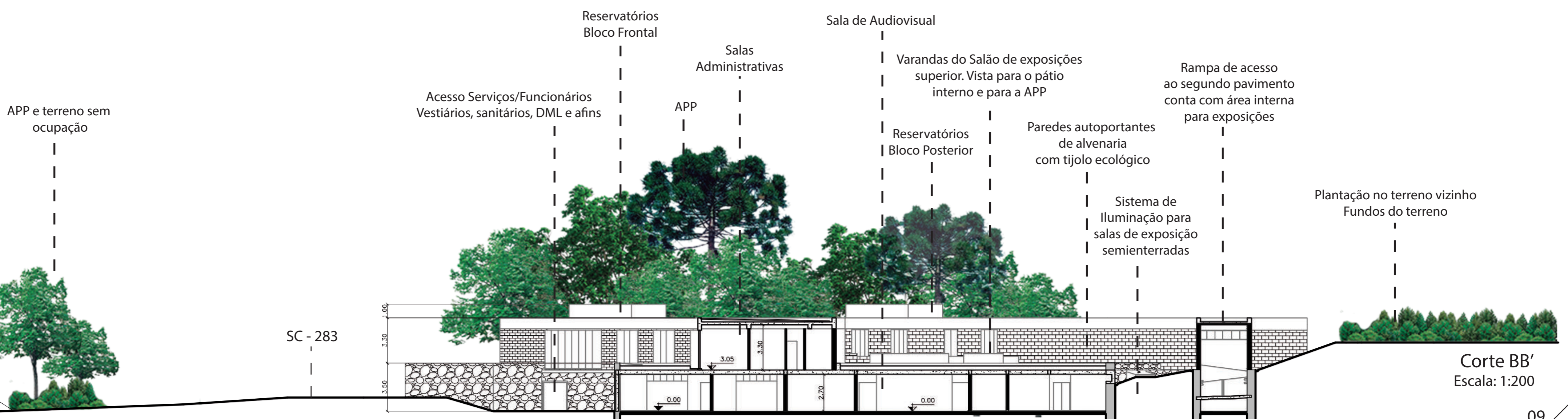
O acesso principal do edifício conta com uma área de piso de concreto. As paredes de pedra dos volumes presentes no térreo conduzem as pessoas ao vão que dá acesso ao edifício. Essa área frontal pode servir, além de estacionamento, como espaço para reunião de público, já que o centro de pesquisa está no caminho para outros equipamentos importantes da vida comunitária de Vila Catres.

## Vistas para o pátio interno

O pátio interno tem grande importância na proposta, pois além de ser um respiro em meio às alvenarias e a grande quantidade de informação nas exposições, é um espaço de convívio e que permite usos diversos. Um espaço tão simples e versátil que pode receber desde pequenas apresentações individuais até grupos folclóricos. Diversas partes do projeto possuem vista para esse espaço: as varandas do bloco posterior, a varanda para funcionários e a passarela são exemplos disso, criando arquibancadas alternativas para as atividades.

## Relações visuais da área administrativa

Além de ser um edifício que recebe muitos visitantes, sejam turmas de escolas da região, famílias ou pesquisadores, o projeto também contempla espaços adequados e confortáveis para os funcionários. As salas administrativas, copa e varanda possuem vistas agradáveis, além de a APP possuir espaços que permitem intervalos prazerosos para quem decidir permanecer no centro de pesquisa durante esse período.



# Cortes e Perspectivas

Cortes CC' e DD' e Perspectivas diversas da proposta

## Área experimental úmida

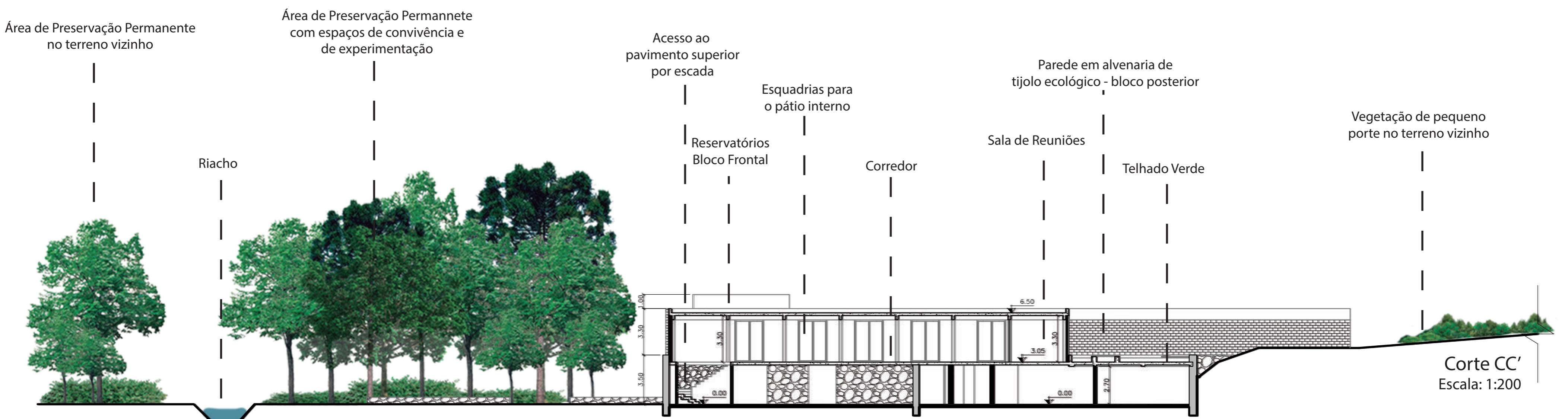
Uma das formas propostas para realizar a extroversão e a transmissão de conhecimentos é a experimentação. As salas de exposição contam com espaços para tatear artefatos arqueológicos e a APP possui espaços próprios para, com supervisão, compreender como é o trabalho em campo da arqueologia. A área experimental úmida aproveita do riacho que delimita uma face do terreno para explorar a imaginação ao ensinar sobre sítios arqueológicos na beira dos rios, muito comuns na região.

## Área experimental seca

Num dos pontos de parada da APP (encontro entre o caminho que vem de fora do centro de pesquisa e do trajeto que leva até o pátio interno) é proposto um recorte simulando uma escavação arqueológica, para que os visitantes possam utilizar ferramentas e técnicas reproduzindo o trabalho de campo. Compreendendo assim o que está sendo feito nos sítios da região e despertando interesse pelo processo.

## Área de introdução ao tema e de convivência

Logo após passar por baixo da passarela no sentido à APP, o usuário se depara com o primeiro ponto de parada. Nele há um tótem que informa sobre o trabalho arqueológico realizado da região. O espaço pode ser utilizado para, além de atividades educacionais, momentos de lazer. Principalmente quando o equipamento não estiver em funcionamento, visto que o acesso a APP pode ocorrer por um caminho externo à entrada principal. Fazendo com que a comunidade possa se apropriar dessa área nos finais de tarde e de semana.



## Salão de Exposição Superior - Exibição de Documentários

Da mesma maneira que o Salão de Exposição do pavimento térreo abrange um determinado período da história regional, o mesmo acontece no salão do pavimento superior. No início da exposição estão registros do início da colonização e no decorrer dos espaços a história vai sendo contada com os principais acontecimentos relacionados à arqueologia. Nos últimos espaços são exibidos documentários sobre a relação da região com o Rio Uruguai, incluindo a barragem de Itaipiranga. Por fim, há um espaço vago para exposições temporárias relacionadas à região.

## Salão de Exposição Superior - Doações e Registros

Tradicionalmente os museus de pequenas cidades aceitam doações dos residentes e as expõem junto de seu acervo. A exposição do centro de pesquisa também conta com espaços para expor registros fotográficos antigos junto de utensílios/ferramentas/objetos diversos doados por moradores locais, que podem se sentir ainda mais representados ao ver itens pessoais/familiares como peças de museu, o que auxilia na identificação com o equipamento.

## Prateleiras para reflexão e iluminação indireta nos espaços de exposição (Sem Escala)

